

A

ACADEMIA: Escola filosófica fundada por Platão em Atenas no ano de 387 a.C. Situava-se nos jardins do ginásio dedicado ao herói Academos, fora das muralhas da cidade (daí o nome “Academia”). Teve uma vida extraordinariamente longa, permanecendo em actividade até 529 d.C., data do seu encerramento forçado pelo imperador Justiniano. No entanto, o edifício propriamente dito não teve vida tão longa, tendo sido destruído durante a invasão de Atenas por Sila (86 a.C.). As diferentes fases da sua história encontram-se documentadas adiante, em material próprio.

ÁCRION DE LÓCRIDE: Filósofo pitagórico de data indeterminada referido por Cícero em *De Finibus Bonorum et Malorum*.

ACUSILAU DE ARGOS (séc. VI a.C.): Mitógrafo e autor de genealogias em dialecto jónico, quase nada subsistiu das suas obras. O seu nome surge como um dos Sete Sábios em algumas listas antigas.

ADRASTO DE AFRODÍSIAS (séc. II): Mestre de Alexandre de Afrodísias, poderá ser seu o comentário anónimo aos livros II-V da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles.

AGATOBULO DE ALEXANDRIA (séc. II): Filósofo cínico, diz-se ter sido mestre de Demónax e de Peregrino Proteu. A ser assim, a tradição que o faz contemporâneo de Sexto Empírico torna-se dificilmente sustentável.

AGRIPA (sécs. I-II): Filósofo céptico a quem é atribuída a autoria dos cinco tropos, ou razões para duvidar, que Sexto Empírico regista em alternativa aos dez expostos pela primeira vez por Enesidemo.

ALBINO (fl. c. 130): Figura proeminente do platonismo médio, ainda protagoniza a tendência ecléctica característica dos pensadores platónicos desde a IV Academia, no seu caso temperado sobretudo por elementos peripatéticos e estóicos. Deve-se-lhe um epítome de filosofia platónica, em que denota forte influência de Aristóteles, esclarecedora para a compreensão da classificação dos escritos aristotélicos e da sua evolução histórica.

ALCIBÍADES (c. 450-404 a.C.): Célebre político e general ateniense, foi, na juventude, discípulo de Sócrates. Teve uma vida aventureira e nem sempre coerente, chegando a integrar a liderança tripartida da frota enviada contra Siracusa durante a Guerra do Peloponeso (415 a.C.), mas veio a morrer assassinado por ordem dos Trinta Tiranos, quando se encontrava exilado na Frígia. Platão refere-se-lhe diversas vezes e faz dele interlocutor de dois diálogos com o seu nome, pondo também na sua boca, no *Banquete*, um rasgado elogio de Sócrates (215a-222b).

ALCMÁN (séc. VII a.C.): Poeta lírico originário de Esparta. Descobriu-se recentemente um fragmento com interesse cosmogónico, o que o integra no conjunto de autores da época arcaica que veículam uma concepção mitopoética acerca da origem do universo.

ALCMÉON DE CROTONA (n.º c. 520 a.C.): Notável médico e cientista grego, possivelmente ligado aos círculos pitagóricos primitivos, com cujo ideário partilha, em todo o caso, inegáveis proximidades, designadamente no que toca à questão da imortalidade da alma, que se considera ter sido o primeiro a defender argumentativamente. Subsistem alguns fragmentos seus, que deixam adivinhar um investigador profundamente original e inovador, tanto no domínio das ciências naturais, com especial destaque para a fisiologia e a anatomia, como no domínio especulativo, em que parece ter-se interessado especialmente pela psicologia e pela cosmologia.

AL-DIMASQI (c. 900): Abu Utman al-Dimasqi, tradutor árabe de Aristóteles, dedicou-se sobretudo à obra lógica (com destaque para os *Tópicos*), bem como aos comentários gregos da mesma.

ALEXANDRE DE AFRODÍSIAS (fl. c. 200): O mais famoso comentador peripatético de Aristóteles, ocupou desde 195 d.C. a cátedra de estudos aristotélicos criada pelo imperador Marco Aurélio, escrevendo diversos comentários às obras de Aristóteles, alguns deles perdidos. Subsistem, no entanto, comentários parciais aos *Primeiros Analíticos*, *Tópicos*, *Metafísica I-V*, *Metereológicos*, *Sobre a Alma* e *Sobre a Sensação*, que revelam enorme conhecimento e penetração analítica, o que os tornam, ainda hoje, indispensáveis ao estudo aprofundado do pensamento aristotélico.

ALEXÍCRATES (séc. I): Filósofo neopitagórico contemporâneo de Plutarco, tornou-se conhecido pelo rigor com que observava os antigos preceitos do pitagorismo.

ALEXINO DE ÉLIS (c. 339-265 a.C.): Filósofo megárico, parece ter sido discípulo de Eubúlides de Mileto. Diógenes Laércio atribui-lhe a alcunha de ἐλεγχῖνος (que é um trocadilho com o seu nome próprio), que significa “quezilento” ou “brigão”, em virtude da sua inclinação para a polémica e a diatribe. Distinguiu-se pelos ataques a Aristóteles e aos estóicos.

AL-HASAN IBN SUWAR (943-1020): Erudito árabe, comentou as *Categorias* e reviu e editou a tradução árabe dos tratados do *Organon* tal como ela consta no importante manuscrito *Parisinus ar. 2346*, que é hoje o nosso melhor testemunho deste notável trabalho editorial.

AL-MARWAZI (sécs. IX-X): Abu Yahya al-Marwazi parece ter sido mestre de Abu Bisr Matta, tendo escrito, segundo al-Nadim um comentário aos *Segundos Analíticos*.

AL-NADIM (m° 995): Ibn Abi Iacob al-Nadim foi o autor da mais influente doxografia árabe, o *Kitab al-Fibrist*, base fundamental para o conhecimento da tradição árabe de reflexão, comentário e tradução no período a que se refere. A sua obra incluía a primeira versão árabe da *Vida de Aristóteles* de Ptolemeu, com transcrição do testamento.

AL-QIFTI (1172-1248): Al-Qifti Gamaladdin al-Qadi al Akram, o *Gemaleddinus* da tradição latina, foi um bibliógrafo tardio, autor da *Crónica dos Sábios*. Aí se integra a reprodução da versão árabe de al-Nadim da *Vida de Aristóteles* de Ptolemeu, com o testamento e o catálogo das obras.

AMÉLIO (séc. III): Filósofo neoplatónico da primeira geração, foi aluno do próprio Plotino em Roma, depois de haver estudado com Numénio de Apameia. Porfírio atribui-lhe a autoria de mais de cem livros, nenhum dos quais resistiu à prova do tempo.

AMÓNIO HERMEU (c. 435-520): Filho de Edésia e Hermias, fundador da escola neoplatónica de Alexandria, e genro de Siriano, chefe da escola de Atenas, herdou do pai a direcção daquela, à qual imprimiu um cunho muito próprio. Muitos dos seus discípulos (Damáscio, Filópono, Simplicio, Asclépio) figuram entre as figuras mais relevantes do comentário neoplatónico subsequente. Devem-se-lhe diversos comentários aos tratados lógicos de Aristóteles, ora escritos por ele próprio, ora recolhidos pelos discípulos a partir das suas lições.

AMÓNIO SACAS (175-242): Figura enigmática a que se atribui a fundação da escola neoplatónica e de que pouco mais se sabe para além de que teria ensinado filosofia em Alexandria, vindo aí a ser mestre de Plotino desde 232 e até à data da sua morte.

ANACÁRSIS DA CÍTIA (sécs. VII-VI a.C.): Filósofo cita, mas de origem parcialmente grega, emigrou para Atenas em 589 a.C. em busca de conhecimento. Conviveu com Sólon e tornou-se o primeiro meteco a ser honrado com a cidadania ateniense. Nenhuma das obras que lhe foram atribuídas sobreviveu, mas as suas ideias levaram-no a ser considerado (inclusive pelos próprios) uma espécie de

antepassado espiritual dos cínicos, pela franqueza da sua linguagem, a reserva que mantinha sobre as convenções e a moderação que aconselhava em todas as matérias. Algumas listagens incluem-no entre os Sete Sábios da Grécia.

ANAXÁGORAS DE CLAZÓMENAS (500-428 a.C.): Filósofo neojónico, deve-se-lhe um dos mais interessantes e originais sistemas cosmológicos emergentes neste período, fundado na ideia da infinidade dos primeiros princípios e na atribuição de um papel cosmogónico a uma força ordenadora inteligente a que chamou *νοῦς*. Cerca de 480 a.C., dirigiu-se para Atenas, onde veio a permanecer durante cerca de trinta anos, tornando-se responsável pela introdução da investigação cosmológica e física na Ática. Aí, foi protegido por Péricles, até ao momento em que caiu em desgraça, sendo julgado, acusado e preso por impiedade. Libertado por intercessão do governante, foi obrigado a deixar a cidade. Regressou então à Jónia, vindo a fundar uma escola em Lâmpsaco, onde ensinou até à morte.

ANAXILAU DE LARISSA (séc. I a.C.): Médico e filósofo neopitagórico, foi expulso de Roma por Augusto, sob a acusação de praticar magia. As suas obras parecem ter incidido sobretudo sobre as propriedades das ervas e dos minerais, o que pode ter estado na base da suspeita.

ANAXIMANDRO DE MILETO (n.º c. 610 a.C.): Pensador jónico, parece ter sido o primeiro a escrever em prosa, tendo publicado pelo menos um livro, de que subsiste um importante fragmento. São-lhe atribuídas diversas descobertas e invenções científicas. Em cosmologia, distingue-se dos restantes milésios pelo apuramento especulativo e pelo alto nível de abstracção que é legítimo descortinar no seu pensamento.

ANAXÍMENES DE MILETO (n.º c. 586 a.C.): Filósofo milésio, é, com Tales, o mais típico representante do pensamento jónico primitivo, cujo sistema cosmológico leva a um alto grau de desenvolvimento. São tópicos importantes no seu pensamento a determinação do primeiro princípio, a descrição da constituição do universo e a adesão a uma perspectiva hilozoísta.

ANDROCIDES: Filósofo pitagórico de época desconhecida (são sugeridas datas entre os séculos IV e I a.C.), é autor de uma obra *Sobre os Símbolos Pitagóricos*, que foi uma das principais fontes utilizadas pelos pensadores e doxógrafos mais tardios. Uma das hipóteses que se discute é se este filósofo deverá ser identificado com o médico homónimo de Alexandre Magno.

ANDRONICO DE RODES (séc. I a.C.): Primeiro editor da obra aristotélica, nasceu e estudou em Rodes, “velho centro de estudos aristotélicos”, no dizer de Ingemar Düring. Em data indeterminada (provavelmente entre 50 e 40 a.C.), partiu para Roma, onde estudou com o gramático e bibliógrafo Tíranio de Amiso (proprietário, ao que parece, de uma biblioteca com cerca de 30.000 rolos), onde foi condiscípulo do geógrafo Estrabão e do comentador Boécio de Sídon. A tradição dá-o como o undécimo escolarca do Liceu, seguindo uma referência tardia de David, que Düring desvaloriza “como inteiramente desprovido de fidedignidade”. Coube-lhe empreender a edição sistemática das obras de Aristóteles e a divulgação dos seus tratados acroamáticos, que logo após a morte do filósofo haviam deixado de circular, sendo em grande medida o responsável pelo estabelecimento do cânone das obras de Aristóteles. Atendendo aos mais antigos testemunhos sobre a edição romana dos escritos aristotélicos, em passagens de Dionísio de Halicarnasso, que datam de antes de 30 a.C., o mesmo Düring situa cautelosamente a obra de Andronico entre 40 e 20 a.C. Entre os que continuaram o seu trabalho de revivescência do aristotelismo, contam-se os peripatéticos Boécio de Sídon, Aríston de Alexandria, Eudoro de Alexandria, Xenarco de Seleucia e sobretudo Nicolau de Damasco, bem como o estóico Atenodoro Cananeu. O seu esforço, bem sucedido, de edição e divulgação esteve decerto na origem da tradição exegética que culminou nos comentários de Alexandre de Afrodísias.

ANICERIDE DE CIRENE (séc. IV a.C.): Filósofo cirenaico da segunda geração, contribuiu, com o seu discípulo Teodoro, para mitigar os aspectos mais radicais da ética de Aristipo, favorecendo assim a passagem ao epicurismo nascente. É pouco provável que tenha sido ele o homem a resgatar Platão do cativeiro após este ter sido, segundo a lenda, reduzido à escravatura por Dionísio I aquando da sua primeira viagem a Siracusa.

ÂNITO: Industrial abastado e político influente após a restauração da democracia, em 403 a.C., encarava com muito pouca simpatia a actividade dos sofistas, que confundia, a crer no *Ménon* platónico, com a própria filosofia. Platão fá-lo intervir na *Apologia* como principal instigador das acusações a Sócrates (18b), representando, a par de Lícon (orador) e de Meleto (poeta), um dos grupos mais atingidos pela investigação socrática, o dos artesãos e homens de Estado (23e-24a), exactamente pelas razões que a sua desastrosa intervenção no *Ménon* tipificam (cf. 90b-95a).

ANTÍGONO CARÍSTIOS (séc. III a.C.): Escritor grego, natural de Caristo, na Eubeia, estudou em Atenas, após o que se fixou na corte de Pérgamo. A sua obra mais importante é *Vidas dos Filósofos*, de que Ateneu preserva numerosos fragmentos.

ANTÍOCO DE ASCALÃO (130-68 a.C.): Sucessor de Fílon de Larissa à frente da Academia, em 84 a.C. (mas não já no velho ginásio fundado por Platão, que havia sido irremediavelmente destruído durante a invasão de Atenas por Sila), foi responsável pelo abandono definitivo do cepticismo que com este se iniciara e pela consolidação do eclectismo, de influência especialmente estoica, que irá caracterizar toda a IV Academia. Começa com ele o primeiro grande renascimento de Aristóteles, de que resultará, a breve trecho, a edição romana das obras de Aristóteles.

ANTÍPATRO DE CIRENE (séc. IV a.C.): Filósofo cirenaico de que quase nada se sabe para além de ter sido um dos discípulos de Aristipo, o velho, e, nesta qualidade, um dos transmissores do seu ensinamento às últimas gerações da escola.

ANTÍPATRO DE TARSO (c. 200-129 a.C.): Filósofo estoico, foi o sexto escolarca do Pórtico, sucedendo a Diógenes de Babilónia e sendo substituído por Panécio, de quem foi professor. Redigiu diversas obras de ética e de teologia, muito consideradas nos séculos seguintes, como o demonstram as palavras de apreço que lhes dedicam Cícero e Plutarco.

ANTÍSTENES DE ATENAS (445-360 a.C.): Filósofo grego, discípulo de Górgias e depois de Sócrates, foi o fundador da escola cínica, uma das três principais escolas socráticas ditas “menores”. Platão, cujas doutrinas e magistério ele publicamente atacava, refere-se-lhe uma única vez, no *Fédon*, como um dos assistentes à morte de Sócrates (59b). Todavia, é provável que o seu ideário nominalista, consubstanciado na radical exclusão dos universais e na conseqüente inviabilização da definição, seja o alvo das alusões de vários diálogos platónicos, quase seguramente do *Crátilo*, onde o naturalismo linguístico defendido pelo personagem homónimo pode ser decalcado da filosofia da linguagem de Antístenes. A escola cínica veio a prolongar a sua influência ao longo da época helenística, mas também através do estoicismo, com que mantém evidentes consonâncias e até uma relação histórica, se, como quer a tradição, é certo que o fundador do estoicismo, Zenão de Cítio, foi discípulo do filósofo cínico Crates de Tebas.

ANTONINO (séc. IV): Filósofo neoplatónico, filho de Eustácio de Capadócia e de Sosípatra de Éfeso, fundou uma escola em Canopo (Egipto), não longe daquela onde pontificava Hipátia, de quem foi contemporâneo. Não se lhe conhecem doutrinas próprias.

APELICONTE DE TEO (sécs. II-I a.C.): Bibliófilo e colecionador grego, a lenda atribui-lhe o resgate da coleção aristotélica perdida, que, segundo as narrativas subsistentes, teria comprado aos herdeiros de Neleu ¹ e depois recuperado e reproduzido. Terá sido deste modo que os rolos chegaram às mãos de Sila, o qual, após a conquista de Atenas, os trouxe para Roma, onde deram entrada na biblioteca de Tirânio.

APOLO (mit.): Um dos deuses mais importantes do Panteão grego, a cujo culto eram dedicados os Oráculos de Delfos e de Delos, ambos sob a influência política de Atenas, mas de grande devoção em toda a Grécia. Como patrono da música, da medicina, da profecia e da sabedoria (tetralogia que Platão, no *Crátilo*, resume numa única finalidade purificatória), tornou-se simultaneamente o paradigma e o ideal do sábio orfopitagórico. A Academia era-lhe dedicada e assim também o próprio Sócrates (cf. *Fédon*, 85b), a que se ficava a dever decerto o “sinal divino” que proverbialmente o acompanhava (cf. *ibid.* e *Apologia*, 40c). A sua ligação a Apolo mostra-se todavia especialmente na declaração do Oráculo segundo a qual Sócrates seria “o mais sábio dos homens”, justamente por reconhecer nada saber (*Apologia*, 20e ss).

APOLODORO DE ATENAS (n.º c. 180 a.C.): Gramático ateniense radicado em Alexandria, publicou uma obra em versos jâmbicos intitulada *Crônicas*, onde se estipulava a cronologia dos filósofos anteriores a partir da determinação da data do seu apogeu (a *acme*), que se fazia coincidir com os 40 anos de idade.

APOLODORO DE FALERA (sécs. V-IV a.C.): Um dos mais ardentes e devotados discípulos de Sócrates, mencionado tanto por Platão como por Xenofonte, mas que não veio a dedicar-se à filosofia. Platão refere-se-lhe na *Apologia* (34a) e entrega-lhe a narração do *Banquete*; é, no entanto, no *Fédon* que a sua exaltação e fanatismo são mais claramente apontados (cf. 59ab, 117d).

APOLODORO DE SELEUCIA (séc. II a.C.): Filósofo estóico, discípulo de Diógenes de Babilónia, celebrizou-se sobretudo como autor de compêndios, embora também se-lhe conheça um tratado importante de física. Terá sido um dos primeiros a procurar aproximar o estoicismo da filosofia cínica e, inclusive, a tentar filiar historicamente aquele nesta.

¹ Neleu de Cépsis foi o discípulo de Aristóteles a quem, de acordo com a mesma lenda, Teofrasto terá deixado em testamento a biblioteca de ambos. Era filho de Corisco, companheiro de Aristóteles na Academia e depois na Tróade, durante a permanência do filósofo nesta região (ver, abaixo, a entrada sobre Hermias de Atarneu).

APOLODORO EPICÚRIO (séc. II a.C.): Filósofo epicurista, liderou a escola no final do século II a.C. (aparentemente com mão de ferro, a atender ao epíteto de “tirano do Jardim”, que Diógenes Laércio lhe atribui), sendo substituído por Zenão de Sídon, que havia sido seu discípulo. Referem-se-lhe mais de quatrocentos livros, que não sobreviveram.

APOLÓNIO CRONO (séc. IV a.C.): Originário de Cirene, foi um dos primeiros filósofos megáricos, tendo estudado directamente com Eubúlides. Quase nada se sabe sobre ele, para lá de ter sido mestre de Diodoro Crono.

APOLÓNIO DE CALCEDÓNIA (séc. II): Filósofo estóico, foi mestre de Marco Aurélio.

APOLÓNIO DE TÍANA (c. 15-98): Famoso asceta e ocultista grego, pertencente ao círculo neopitagórico, foi extremamente considerado durante todo o período helenístico grego-romano, em que floresceram numerosas biografias e testemunhos sobre a sua actividade. A sua influência foi também intensa no mundo árabe e, de novo na Europa, com o Renascimento. Para lá de diversos escritos perdidos de que temos notícia, subsiste um fragmento da sua obra *Sobre os Sacrifícios*, onde nos dá conta da sua concepção do divino.

APOLÓNIO DE TIRE (séc. I a.C.): Filósofo estóico, escreveu uma obra sobre Zenão e o estoicismo antigo, que Diógenes Laércio ainda conheceu. Não é seguro que se trate do mesmo autor que terá composto uma obra sobre mulheres filósofas.

APULEIO (124-180): Escritor e filósofo latino, nascido no Norte de África, donde passou a Atenas, foi uma figura influente do platonismo médio. Produziu diversas obras de vária natureza, entre as quais se inclui uma sobre a vida e o pensamento de Platão.

AQUILES (mit.): Famoso herói da mitologia grega, filho do rei Peleu e da deusa Tétis, constitui a figura central da *Ilíada*, onde se exaltam os seus feitos na Guerra de Tróia.

ARCESILAU DE PÍTANE (315-241 a.C.): Foi discípulo de Pólemon, Crantor e Crates de Atenas (que substituiu como escolarca da Academia), tendo decerto também acompanhado o ensino de Pírron. A sua ascensão à direcção da escola, em 264, marca a fundação da Academia Média e a introdução de um cepticismo fundamental ou *probabilismo* como sua doutrina oficial, o qual, justificando-se na esteira da condenação platónica da fiabilidade dos sentidos, representava principalmente uma reacção ao dogmatismo protagonizado pelo pensamento estóico coevo. Pouco se sabe acerca do seu ensinamento, uma vez que nada escreveu.

ARETE (séc. IV a.C.): Filósofa grega, filha de Aristipo de Cirene e mãe de Aristipo. o jovem, terá sido uma das figuras centrais na primeira geração da escola cirenaica.

ARIANO (c. 86->146): Lúcio Flávio Ariano, dito “Xenofonte”, foi um intelectual romano de ascendência grega pertencente à segunda sofística. Conhecido sobretudo como historiador, as suas obras são importantes também como testemunho do pensamento estóico, retratando sobretudo a filosofia de Epitecto.

ARIGNOTE (sécs. VI-V a.C.): Filósofa pitagórica, discípula de Pitágoras e Teano (talvez sua filha), atribuem-se-lhe diversas obras, ainda disponíveis no tempo de Porfírio, de entre as quais uma sobre os mistérios de Demeter e outra sobre os rituais de Dionísio.

ARIO DÍDIMO (séc. I): Filósofo estóico de Alexandria, contemporâneo de Augusto, de quem se pensa ter sido mestre, juntamente com os dois filhos Dionísio e Nicanor. Conservam-se, através de Estobeu e Eusébio, amplas e valiosas páginas suas sobre filosofia estóica, académica e peripatética. Num comentário sobre Demóstenes, são preservados alguns trechos provenientes de Hermipo sobre a alegada relação entre Aristóteles e Hermias de Atarneu.

ARISTIPO DE CIRENE (435-365 a.C.): Filósofo grego, deixou a sua cidade natal cerca de 416 para se tornar discípulo de Protágoras e, mais tarde, de Sócrates. Atribui-se-lhe a fundação da escola cirenaica, uma das principais escolas socráticas “menores”. A única referência explícita que Platão lhe faz é a menção à sua ausência no momento da morte de Sócrates (*Fédon*, 59c), embora não seja claro se as críticas ao relativismo de matriz heraclitiana, no *Protágoras*, no *Teeteto*, ou mesmo no *Crátilo*, não lhe serão dirigidas.

ARISTIPO, O JOVEM (sécs. IV-III a.C.): Neto do anterior, por sua filha Arete, que se presume tenha sido a sua iniciadora na filosofia, atribui-se-lhe a formulação de parte significativa das doutrinas da escola, ao ponto de certos autores sustentarem ter sido ele o verdadeiro fundador desta corrente.

ARISTOCLEIA (sécs. VII-VI a.C.): Sacerdotiza do templo de Delfos, considera-se ter sido a mestra de Pitágoras.

ARÍSTOCLES DE MESSINA (séc. II): Filósofo peripatético, conhece-se-lhe, como facto mais relevante, o de ter sido professor de Alexandre de Afrodísias. Na sua obra *De philosophia* (que se perdeu quase integralmente), terá pretendido contestar a tradição difamatória contra Aristóteles posta a circular pelos membros da escola isocrática, pelos megáricos e pelos primeiros epicuristas, desacreditando a sua parcialidade e pondo a nu as suas motivações ideológicas. O valor principal dos fragmentos preservados por Eusébio de Cesareia reside na síntese que oferece desta mesma tradição hostil.

ARISTODEMO DE MESSÉNIA (séc. VIII a.C.): Rei da Messénia, procurou ao longo da vida libertar o seu país do jugo de Esparta, o que nunca logrou conseguir. Em algumas listas, é dado como um dos Sete Sábios da Grécia.

ARISTÓFANES DE ATENAS (c. 445-375 a.C.): Célebre comediógrafo grego, escreveu, entre muitas outras obras satíricas, as *Nuvens*, onde Sócrates é ridicularizado como um presunçoso sofista, entretido em divagações sobre os astros. Platão atribui-lhe implicitamente, na *Apologia*, a autoria moral pela condenação de Sócrates (cf. 18bd, 19bc), embora a sua intervenção no *Banquete* pareça retratá-lo como alguém que terá em determinada altura pertencido ao círculo socrático.

ARISTÓFANES DE BIZÂNCIO (c. 257-180 a.C.): Gramático e bibliotecário em Alexandria, de cuja biblioteca foi director, deve-se-lhe a primeira ordenação antiga (parcial) da obra de Platão.

ARÍSTON DE ALEXANDRIA (séc. I a.C.): Filósofo peripatético, começou por ser membro da Academia, através de Antíoco de Ascalão, de quem foi discípulo. Atribui-se-lhe um escrito perdido sobre as *Categorias* de Aristóteles, que não se sabe se revestiria a forma de um comentário.

ARÍSTON DE CÓS (sécs. III-II a.C.): Quinto escolarca do Liceu, na ordem tradicional, parece ter consagrado grande atenção à história do Perípato, tarefa que lhe era facilitada pelo livre acesso à biblioteca e arquivos, bem como pela convivência continuada com a tradição oral em que fora formado. Atribui-se-lhe a recolha dos testamentos dos seus quatro antecessores no cargo, preservados por Diógenes Laércio, bem como uma obra sobre Aristóteles, incluindo uma nota biográfica e um catálogo dos escritos, de que nenhum fragmento subsiste, embora se conheça através das versões de Diógenes Laércio e de Hesíquio de Mileto.

ARÍSTON DE QUIÓS (c. 310-240 a.C.): Filósofo estóico, contemporâneo de Zenão, afastou-se do mestre ao rejeitar as secções lógica e física da filosofia em proveito exclusivo da ética, aproximando-se assim do ideário cínico.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.): O mais notável dos discípulos de Platão e um dos maiores vultos da história da filosofia, nasceu em Estagira, no extremo norte da Grécia, e morreu em Cálcis, na Eubeia. Ingressou cerca dos dezassete anos na Academia platónica, que só veio a abandonar perto da morte do Mestre (347 a.C.), vítima das perseguições do partido anti-macedónio, então no poder, ou mesmo, como quer uma tradição mais antiga, depois dela. Após longos anos de exílio, regressou a Atenas, em 335 a.C., para fundar a sua própria escola, o Liceu. Devem-se-lhe numerosas obras sobre os mais variados campos do saber, nomeadamente a lógica, a metafísica, a física, a biologia, a psicologia, a ética, a política, a retórica, etc., que pela primeira organizou disciplinarmente.

ARISTÓXENO DE TARENTO (séc. IV a.C.): Discípulo de Aristóteles, notabilizou-se especialmente pelos seus estudos no domínio da harmonia. Coligiu as biografias de diversos filósofos, entre os quais Pitágoras, Arquitas e Platão, tornando-se involuntariamente a origem de uma invectiva posta a circular sobre Aristóteles, a saber, que este teria começado a ensinar na Academia, sem a autorização de Platão, durante a sua ausência em Siracusa, história em que parece que queria atingir Heraclides Pôntico, mas que, em virtude da ambiguidade da expressão, acabou por ser transferida para o Estagirita pela tradição desfavorável.

ARQUEDEMO DE ATENAS (séc. III a.C.?): Filósofo estóico desconhecido que, de acordo com Plutarco de Queroneia, fundou uma escola na Babilónia, que se veio a tornar influente.

ARQUEDEMO DE TARSO (séc. II a.C.): Filósofo estóico, são-lhe atribuídas duas obras, ambas perdidas. Não é provável que seja o mesmo que o ateniense homónimo que Plutarco refere ter fundado uma escola na Babilónia, sobretudo se nesta se tiver formado Diógenes, quinto escolarca do Pórtico, caso em que teria de ter vivido cerca de um século antes.

ARQUELAU DE ATENAS (n.º c. 485 a.C.): Discípulo de Anaxágoras e professor de Sócrates, em Atenas, foi um dos últimos representantes da investigação jónica típica. Parece ter-se limitado a seguir a doutrina do mestre, introduzindo-lhe pequenas adaptações, embora alguns comentadores também o tenham interpretado como um monista tardio, a par de Diógenes de Apolónia e de Hípon de Samos, sequaz, no caso, da filosofia de Anaxímenes.

ARQUIMEDES (c. 287-212 a.C.): Natural de Siracusa, foi provavelmente o maior e mais multifacetado cientista grego. Dedicou-se à matemática, à física, à astronomia, à engenharia e a numerosas outras actividades, em todas deixando marcado o cunho do seu génio, pelas descobertas e invenções que se lhe ficaram a dever.

ARQUITAS DE TARENTO (428-347 a.C.): Estadista e general tarentino, cuja cidade governou longamente, foi também notável matemático e filósofo. Como matemático, são-lhe atribuídas numerosas descobertas e progressos nos domínios da geometria, da harmonia e da mecânica. Como filósofo, terá prolongado a perspectiva tipicamente pitagórica de que os números são a chave da realidade, não só natural, como moral. Platão, que foi seu amigo e hóspede, refere-se-lhe unicamente nas *Cartas*, nomeadamente na *VII*, e dirige-lhe duas delas (a *IX* e a *XII*), de autenticidade suspeita. Aristóteles e o seu compatriota Aristóxeno escreveram obras sobre ele.

ÁRTEMON DE CASSANDREIA (séc. I a.C.): Editor da correspondência de Aristóteles, publicou uma colecção de cartas em oito livros, testemunhada na Antiguidade, a qual deve coincidir com o conteúdo da entrada do catálogo de Diógenes Laércio em que se discriminam 30 cartas dirigidas a diversos destinatários.

ARULENO RÚSTICO (c. 30-93): Estadista romano, foi um seguidor de Trásea Peto, com quem partilhava a simpatia pelo estoicismo. Tal como este, embora muito mais tarde e em contexto político diferente, foi condenado à morte, curiosamente em virtude do panegírico que havia dedicado ao mestre.

ASCLEPIÁDES (séc. IV): Um dos últimos filósofos cínicos, foi contemporâneo do imperador Juliano, o apóstata, que o conheceu e se lhe refere.

ASCLEPIÁDES DE FLIUNTE (c. 350- 270 a.C.): Membro da escola eritreia, contemporâneo de Menedemo, foi, tal como ele, discípulo de Estílpon de Mégara e de Fédon de Élis, antes de ambos se haverem radicado na Eubeia.

ASCLEPIGÉNIA (séc. V): Filósofa neoplatónica ateniense, era filha de Plutarco de Atenas, chefe da escola platónica nesta cidade. Proclo foi um dos seus discípulos.

ASCLÉPIO DE TRALES (séc. VI): Filósofo neoplatónico, foi discípulo de Amónio e membro da escola alexandrina. Escreveu um comentário aos livros I-VII da *Metafísica*, que, segundo Westerink, seria um epítome das lições de Amónio sobre a matéria, tese que não é habitualmente aceite.

ASCLEPIÓDOTO DE ALEXANDRIA (séc. V): Filósofo neoplatónico, estudou com Proclo em Atenas, após o que partiu para Alexandria, onde fundou uma escola. Foi mestre de Damáscio, que, no entanto, não se lhe refere com muito respeito. Atribui-se-lhe um comentário ao *Timeu* de Platão, hoje perdido.

ASPÁSIO (séc. II): Autor peripatético, redigiu o mais antigo comentário subsistente à *Ética Nicomaqueia* de Aristóteles.

ÁTALO (séc. I): Filósofo estóico do tempo de Tibério, foi mestre de Séneca, que sempre se lhe refere com grande respeito. Pode ter sido ele a compilar a colecção de provérbios que Hesíquio atribui a um autor com este nome.

ATANÁSIO DE BALAD (m^o 696): Autor de uma tradução siríaca da *Isagoge* de Porfírio e de um compêndio de lógica aristotélica. Poderá ter composto também uma versão dos *Primeiros Analíticos*, bem como uma tradução dos *Segundos*. Ibn Suwar, que editou o *Organon* árabe, credita-o ainda com uma tradução siríaca das *Refutações Sofísticas*.

ATENEU DE NÁUCRATIS (*fl. c.* 200): Gramático e orador grego, deve-se-lhe, sob o título *Dipnosophistas*, uma monumental antologia, em estilo dialogado, sobre os mais variados tópicos (a comida, o sexo, a música, o humor, etc.). Encontra-se nela, entre outras, uma referência ao episódio de desaparecimento da colecção aristotélica, em desacordo parcial com a versão divulgada por Estrabão.

ATENODORO CANANEU (*c.* 74 a.C. - 7 d.C.): Filósofo estóico, natural de Canaã, foi discípulo de Possidónio de Apameia. Teve o jovem Octávio, futuro imperador Augusto, como aluno em Apolónia, após o que o seguiu para Roma, aí permanecendo como seu conselheiro durante um período. Terminou a sua vida em Tarso, perto da terra natal, onde influiu na vida política da cidade. Atribui-se-lhe uma obra contra as *Categorias* de Aristóteles, que, no entanto, também pode ter sido escrita por Atenodoro Cordílio.

ATENODORO CORDÍLIO (c. 130-60 a.C.): Filósofo estóico, natural de Tarso, notabilizou-se como responsável da Biblioteca de Pérgamo, onde, parece, tinha o hábito de eliminar as partes dos livros dos mestres estóicos com que discordava. No final da vida, retirou-se para a casa de Catão, o jovem, em Roma, onde veio a morrer.

ÁTICO (fl. c. 175): Em oposição à tendência eclética então dominante entre os platônicos, a cujo círculo pertencia, procurou, na esteira de Calvino Tauro, insistir nos contrastes entre as filosofias de Platão e de Aristóteles. A inclinação para o ataque pessoal que o caracterizava tornaram-no particularmente permeável à difusão das calúnias postas a circular contra Aristóteles pela tradição hostil, de que deveio, ele próprio, um instrumento.

ATOMISTAS: Escola neojónica onde pontificaram Leucipo de Mileto e Demócrito de Abdera (séc. V a.C.), de enorme influência na história da filosofia e na da ciência, que se caracterizava pela recondução da realidade a um conjunto infinito de corpos ínfimos e indivisíveis (os *átomos*), separados pelo vazio, cujas diferentes disposições constituíam todas as coisas.

AULO GÉLIO (130-175): Como escritor, Aulo Gélio é um típico produto do helenismo greco-romano tardio, cultivando predominantemente a recolha de histórias divertidas e picantes, pontuadas por observações espirituosas e oportunas, e procurando agradar e entreter, mais do que instruir e informar. Nas suas *Noites Áticas*, recolhe, no entanto, diversas anedotas relativas a autores mais antigos, algumas com importância para a fixação das respectivas histórias.

AXIÓTEA DE FLIUNTE (séc. IV a.C.): Considera-se ter sido, com Lasténia de Mantinea, uma das poucas estudantes do sexo feminino da Academia Antiga, nos tempos de Platão e Espeusipo. A tradição afirma que, para assistir aos cursos, Axiótea vestir-se-ia de homem, o que não é desprovido de razoabilidade, uma vez que, com raras exceções (os cínicos e os epicuristas, por exemplo), mulheres e escravos não eram admitidos nas escolas filosóficas (os pitagóricos, aparentemente, já admitiam as primeiras, o que, no caso, constitui um precedente sugestivo).

B

BASILIDES (c. 250-175 a.C.): Filósofo epicurista, foi o quinto escolarca do Jardim, sucedendo a Dionísio de Lâmpter, por volta do ano 205 a.C. Não se sabe exactamente quem lhe sucedeu, se imediatamente Apolodoro ou se um certo Téspis, de quem nada mais se conhece.

BASILIDES (séc. II a.C.): Filósofo estóico do tempo de Antípatro de Tarso, distingue-o o facto de ter rejeitado todas as entidades incorpóreas, designadamente os “dizíveis” ou λεκτά, que, juntamente com o espaço, o tempo e o vazio, faziam parte do património teórico do primeiro estoicismo.

BASILIDES DE CITÓPOLIS (séc. II): Filósofo estóico, foi mestre de Marco Aurélio.

BIAS DE PRIENE (séc. VI a.C.): Pensador grego arcaico, é um dos poucos que figura em todos os elencos dos Sete Sábios da Grécia, a par de Pítaco, Sólon e Tales, sendo mesmo considerado por alguns como o mais sábio de todos. A sua generosidade era lendária. Chegaram até nós diversos ditos que lhe são atribuídos.

BÍON DE BORÍSTENIS (c. 325- 250 a.C.): Filósofo cínico, celebrou-se pelas diatribes com que causticava as gentes do seu tempo e não menos as correntes filosóficas em voga, que se pensa teria frequentado sucessivamente em Atenas, após ter sido liberto da escravidão a que a família havia sido reduzida.

BISR MATTA (mº 940): Abu Bistr Matta foi o mais famoso erudito da escola cristã de Bagdade. Compôs um comentário integral, de grande importância, aos *Primeiros Analíticos* (hoje perdido) e produziu a versão árabe de referência dos *Segundos Analíticos*, elaborada, segundo al-Nadim, sobre a versão siríaca de Ishaq, bem como o respectivo comentário. São-lhe ainda atribuídos numerosos outros trabalhos do género.

BOÉCIO (c. 480-524): Anício Mânlio Torquato Severino Boécio, político, poeta e erudito romano, foi igualmente um pensador cristão de forte influência neoplatónica. Distinguiu-se no domínio editorial, tendo traduzido para latim a totalidade das obras lógicas de Aristóteles e ajudando a criar um léxico filosófico latino recortado a partir do aristotélico. Escreveu ainda dois comentários à *Isagoge* de Porfírio e um comentário às *Categorias* e outro ao *Sobre a Interpretação* de Aristóteles.

BOÉCIO DE SÍDON (séc. II a.C.): Filósofo estóico, discípulo de Diógenes de Babilónia, defendeu algumas teses heréticas em cosmologia, designadamente negando a vida e divindade do universo e rejeitando a doutrina da conflagração.

BOÉCIO DE SÍDON (c. 75-10 a.C.): Discípulo, em Roma, do gramático Tirânio, e membro da escola peripatética, veio a ser um dos principais colaboradores e continuadores do trabalho editorial de Andronico de Rodas.

BOLO DE MENDES (séc. IV a.C.): Médico e filósofo grego do tempo de Teofrasto, provavelmente da escola atomista (embora um outro filósofo de Mendes, no Egipto, seja filiado pela Suda no pitagorismo).

BRÍON DE QUÍO (séc. IV-III a.C.): Autor menor, deve-se-lhe preservação, num opúsculo sobre o seu conterrâneo Teócrito, do epigrama por este escrito sobre as alegadas relações condenáveis entre Aristóteles e Hermias de Atarneu.

BRÍSON DE AQUEIA (séc. IV a.C.): Filósofo megárico, discípulo e talvez filho de Estílpon de Mégara, diz-se ter sido mestre de Pírron de Élis, bem como do cínico Crates de Tebas e do cirenaico Teodoro de Cirene.

BRÍSON DE HERACLEIA (c. 450-390 a.C.): Matemático e geómetra grego, conhecido sobretudo pelas referências que lhe faz Aristóteles, dando-o como filho de Heródoto de Heracleia. Deve-se-lhe um novo método de proceder à quadratura do círculo, que parece ter constituído um elemento importante no sentido da solução que lhe dará Arquimedes. Conhecemo-lo pelas exposições constantes nos comentários dos escritos aristotélicos de Alexandre de Afrodísias, Temístio, João Filópono e Simplício, bem como, alguns séculos mais tarde, de Miguel Efésio. A Suda identifica-o com o anterior, no que parece estar equivocada.

BRONTINO DE METAPONTO (séc. VI a.C.): Filósofo pitagórico, discípulo e companheiro de Pitágoras, a sua importância na escola pode ser medida pelo facto de Alcméon lhe ter dedicado os seus escritos. A tradição diverge sobre seria o pai ou o marido da também filósofa Teano. A Antiguidade atribuía-lhe a autoria de alguns poemas órficos.

C

CALÍMACO DE CIRENE (c. 310-240 a.C.): Poeta elegíaco e gramático alexandrino, foi o primeiro e porventura mais célebre director da Biblioteca de Alexandria. Compilou um gigantesco catálogo *raisonné* da Biblioteca, exercendo sobre esta área do saber uma enorme e duradoura influência. Entre os seus discípulos, conta-se o seu conterrâneo Eratóstenes de Cirene.

CALÍSTENES DE OLINTO (365-327 a.C.): Sobrinho, discípulo e colaborador de Aristóteles, notabilizou-se como historiador, tendo redigido uma *História da Grécia* em dez livros e um relato de *A Guerra Sagrada*. Acompanhou Alexandre na sua expedição ao Oriente, ocasião que aproveitou para recolher informações e observações destinadas ao Liceu. Em 327, tendo-se recusado com outros jovens gregos a prosternar-se perante Alexandre “à maneira oriental”, foi acusado de traição e executado.

CALVINO TAURO (fl. c. 145): Filósofo platónico, deve-se-lhe um ensaio com o esclarecedor título *Sobre as Diferenças entre as Doutrinas de Platão e de Aristóteles*, onde procura contrariar, pela primeira vez, a tendência ecléctica então dominante na Academia. Ático continuará esta senda.

CÁRMIDES (c. 164-95 a.C.): Membro da Nova Academia, foi discípulo de Clitómaco e contemporâneo de Fílon de Larissa, cuja deriva ecléctica não se sabe se acompanhou.

CARNÉADES DE CIRENE (214-129 a.C.): Foi o fundador da Nova Academia, a que presidiu desde 156 a.C. Prolongou e esclareceu o cepticismo introduzido por Arcesilau, ainda por oposição ao estoicismo, cujas doutrinas constituíam o alvo preferencial da sua crítica. Na linha tradicional do cepticismo antigo, só tardiamente quebrada, nada escreveu.

CARNISCO (sécs. IV-III a.C.): Discípulo de Epicuro, deve-se-lhe um escrito sobre a amizade, dedicado à também epicurista Filista, de que foram descobertos fragmentos na chamada *Villa dei Papiri*, em Herculano, que constitui uma das principais fontes para o conhecimento desta escola.

CÁTIO (séc. I a.C.): Filósofo epicurista de origem gaulesa, escreveu sobre física e sobre ética, num estilo que Cícero considerava de divulgação junto do grande público.

CATÃO, O JOVEM (95-46 a.C.): Estadista romano do final da República, foi um adepto do estoicismo, que celebrou mais pelo exemplo vivo de integridade, rectidão e incorruptibilidade moral do que pela palavra. A sua oposição a Júlio César levou-o a cometer suicídio quando a vitória deste sobre Pompeu se revelou incontornável.

CEBES DE TEBAS (séc. V a.C.): A crer no *Fédon* de Platão, Cebes e Símiás de Tebas foram dois filósofos pitagóricos, discípulos de Filolau de Crotona, que, perto do final da vida de Sócrates, frequentaram também o magistério deste. Diógenes Laércio atribui-lhe a autoria de três diálogos, de que apenas subsiste um, a *Tabula*, que os especialistas consideram espúrio, porque mais tardio.

CEFISODORO (séc. IV a.C.): Discípulo de Isócrates enquanto Aristóteles era ainda membro da Academia, escreveu contra ele uma obra em quatro livros, provavelmente cerca de 360 a.C., contestando as suas posições em dialéctica e em retórica (talvez em resposta ao diálogo aristotélico *Grilo*), bem como algumas doutrinas centrais do platonismo. A despeito do tom genericamente sóbrio do ensaio, encerrava algumas invectivas pessoais, o que faz dele o primeiro na longa linha de antagonistas contumazes do aristotelismo.

CEPTICISMO: Em sentido próprio, o cepticismo antigo refere uma corrente filosófica do helenismo, iniciada por Pírron de Élis, que se prolongou, com várias matizes, por toda a Antiguidade. Caracterizam-na a suspensão do juízo, baseada na consciência da inapreensibilidade da natureza das coisas, e, conseqüentemente, a indiferença perante todas elas, de onde decorre a verdadeira felicidade, entendida como independência em relação aos desejos e às inclinações (*ataraxia*). O cepticismo das II e III Academias abriu uma forma ontológica e epistemológica, também chamado “probabilismo”, desta corrente.

CERCOPE (séc. VI a.C.): Poeta órfico arcaico, pertencente ao círculo pitagórico.

CÍCERO (106-43 a.C.): Famoso escritor, orador e político romano, frequentou as diversas escolas filosóficas do seu tempo, nomeadamente a estóica e a epicurista, mas em especial a Academia platónica, tendo sido discípulo, em Roma, de Filon de Larissa, e, em Atenas, de Antíoco de Ascalão. Escreveu diversas obras filosóficas, muitas delas em forma de diálogo, introduzindo e divulgando a filosofia grega entre os seus compatriotas. Os escritos de Cícero demonstram grande interesse por Aristóteles, fazendo, em diversos escritos, referência às obras exotéricas, que parece ter conhecido bem. A ele se deve igualmente um contributo decisivo para a fixação em latim do léxico aristotélico.

CÍNICOS: Escola socrática dirigida por Antístenes, seu fundador, e especialmente por Diógenes de Sínope (morto, já muito velho, cerca de 322 a.C.), que, pelo seu ensinamento e pela sua vida, de carácter ostensivamente frugal, configurou o modelo lendário do filósofo cínico e justificou o próprio nome atribuído à escola (que provém de *kuon*, “cão”), significando o ideal de retorno à natureza que a norteia. Embora de índole predominantemente ética (onde avulta a sua identificação da felicidade, encarada como fim do homem, com a virtude, por estrita oposição com o prazer), a filosofia cínica contém também uma ontognosiologia, que claramente se opõe à platónica, pela sua postulação exclusiva do individual e do corpóreo e pela sua completa denegação dos universais.

CIRENAICOS: Caracteriza esta escola, como as demais originadas no ensinamento socrático, com excepção da platónica, o predomínio da reflexão ética sobre a reflexão metafísica, lógica ou cosmológica. Neste domínio, a especificidade da filosofia cirenaica revela-se pela afirmação do primado da sensação e no apontamento do prazer como fim da acção humana, entendendo-o, no entanto, como o prazer corporal imediato, ao contrário do que sucederá com o epicurismo. Deve-se-lhe igualmente uma epistemologia de recorte fenomenalista, cuja importância tem vindo a ser modernamente cada vez mais reconhecida.

CLÁUDIO MÁXIMO (séc. II): Filósofo estóico, foi mestre de Marco Aurélio, que o recorda nos seus *Pensamentos* como a verdadeira encarnação do sábio.

CLÁUDIO PTOLEMEU (85-165): Cientista grego, de origem egípcia, integrou, como depois Galeno e Alexandre de Afrodísias, a plêiade de investigadores peripatéticos que deu origem ao segundo renascimento aristotélico. Foi o mais notável astrónomo e geógrafo da Antiguidade, tendo conferido feição sistemática definitiva ao sistema geocêntrico, que durou sem contestação durante os quinze séculos seguintes.

CLEANTES DE ASSO (331-232 a.C.): Filósofo estóico, originário da Tróade, na Jónia, foi um dos primeiros seguidores de Zenão, tendo vindo a suceder-lhe na chefia da escola. As suas doutrinas próprias, se as teve, não são conhecidas. Foi mestre de Crísipo, que veio a ser o terceiro escolarca do Pórtico.

CLEARCO DE SOLOS (sécs. IV-III a.C.): Filósofo peripatético da segunda geração, natural de Chipre, foi membro do Liceu durante a direcção de Teofrasto. Dedicou-se especialmente à descrição das culturas orientais, que parece ter conhecido directamente ao longo de diversas viagens.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA (c. 150-215): São Clemente de Alexandria, um dos primeiros Padres da Igreja, nasceu com o nome Tito Flávio Clemente, em Atenas, de pais pagãos. Ao que parece, terá sido convertido ao cristianismo por Panteno, um antigo estóico, que orientava então a escola catequética de Alexandria, em que o virá a suceder. No campo teológico, distinguiu-se como fundador da interpretação alegórica das Escrituras. Do ponto de vista historiográfico, o seu *Protréptico* e *Pedagogo*, bem como as suas *Miscelâneas*, em oito livros, contêm informações preciosas sobre autores mais antigos, bem como extensas citações de textos doxográficos entretanto perdidos. Orígenes foi um dos seus discípulos.

CLEOBULINA DE LINDO (séc. VI a.C.): Escritora grega, filha de Cleobulo, são-lhe atribuídos alguns enigmas escritos em versos hexâmetros que, na Antiguidade, eram muito apreciados.

CLEOBULO DE LINDO (séc. VI a.C.): Pensador grego arcaico, foi, de acordo com alguns registos, um dos lendários Sete Sábios da Grécia. Subsistem diversas máximas da sua autoria.

CLEÓMENES (séc. IV-III a.C.): Filósofo cínico, foi discípulo de Crates de Tebas. Escreveu uma obra intitulada *Pedagogos*, sobre os filósofos e educadores da Grécia.

CLÍNIAS DE TARENTO (sécs. V-IV a.C.): Filósofo pitagórico do tempo de Platão, nada subsiste sobre a sua actividade para além de algumas anedotas de natureza biográfica.

CLINÓMACO DE TÚRIO (séc. IV a.C.): Filósofo megárico, discípulo de Euclides e mestre de Bríson, foi creditado por Diógenes Laércio como autor da primeira obra sobre dialéctica.

CLITÓMACO (c. 187-109 a.C.): Filósofo de origem cartaginesa (o seu verdadeiro nome era Asdrúbal), veio para Atenas já na maturidade, provavelmente cerca de 146, data da queda de Cartago, ingressando na Academia, onde se tornou discípulo de Carnéades, então escolarca, cujo cargo veio a herdar em 129 a.C. Atribui-se-lhe uma obra vastíssima, de mais de quatrocentos títulos, dos quais um versaria a história da filosofia precedente.

COLOTES DE LÂMPSACO (c. 320-250 a.C.): Discípulo de Epicuro, coube-lhe desferir o ataque mais profundo e consistente dirigido, na época, à Academia e ao Perípatos, embora notavelmente isento de calúnia. As suas críticas, desenvolvidas em diversos escritos, de que o mais emblemático será o intitulado *Que não é sequer possível viver de acordo com as doutrinas dos outros filósofos*, foram em grande parte preservadas por Plutarco, que contra ele escreveu um diálogo tentando mostrar *Que não é sequer possível*

viver agradavelmente de acordo com as doutrinas de Epicuro e um ensaio *Contra Colotes*, através de quem conhecemos a argumentação. Subsistem também fragmentos de obras suas contra Platão na Vila dos Papiros, em Herculano.

CRANTOR DE SOLIO (séc. IV a.C.): Filósofo acadêmico, aluno de Xenócrates e condiscípulo de Pólemon, atribui-se-lhe uma obra imensa, sobretudo sobre temas morais, de que quase nada subsiste. Foi o primeiro membro da escola platónica a redigir comentários às obras do mestre, que também não chegaram até nós.

CRATES DE ATENAS (sécs. IV-III a.C.): Último escolarca da Academia Antiga, praticamente nada se conhece sobre o seu pensamento.

CRATES DE MALO (séc. II a.C.): Gramático e filósofo estóico, foi director da Biblioteca de Pérgamo. Dedicou-se sobretudo à exegese homérica, embora se lhe deva também o primeiro globo terrestre.

CRATES DE TEBAS (c. 365-285 a.C.): Filósofo cínico de primeira grandeza, discípulo de Diógenes de Sínope, diz-se que, tendo nascido com uma grande fortuna, a ofereceu toda aos concidadãos, para poder viver apenas da filosofia. Era casado com Hiparquía de Maroneia, com quem vivia em Atenas na maior frugalidade, exemplificando um relacionamento de paridade e companheirismo muito pouco comuns entre os atenienses. Subsistem alguns fragmentos dos seus escritos, que nos permitem, em particular, conhecer a sua visão sobre o Estado ideal. Mestre de Zenão de Cítio, ao seu ensinamento se deve certamente a profunda influência cínica que a ética estóica revela.

CRÁTILO (séc. V a.C.): Alegadamente, um filósofo da escola heraclitiana e, segundo Aristóteles, primeiro mestre de Platão. Este fá-lo intervir como interlocutor de Sócrates no diálogo que tem o seu nome, de um modo, no mínimo, não muito elogioso.

CRATIPO DE PÉRGAMO (séc. I a.C.): Filósofo peripatético, ensinou em Mítilene e depois em Atenas, tendo como discípulos e ouvintes alguns das mais importantes personagens romanas do seu tempo, como Cícero, Pompeu ou Bruto. O conteúdo do seu ensino permanece desconhecido.

CRESCENTE DE MEGALÓPOLIS (séc. II): Filósofo cínico, foi severamente criticado pelos escritores cristãos dos primeiros séculos, que lhe censuraram a conduta indecente e assacaram a responsabilidade moral pela condenação à morte de São Justino Mártir, seu contemporâneo.

CRÍNIS (séc. II a.C.): Filósofo estóico, é-lhe atribuída a autoria de um tratado de dialéctica, cujo conteúdo Diógenes Laércio ainda conheceu.

CRISANTO DE SÁRDIS (séc. IV): Filósofo neoplatónico da escola de Jâmblico, foi um dos principais discípulos de Edésio. Desenvolveu especialmente a vertente mística da escola.

CRÍSIPO DE TARSO (c. 280-206 a.C.): Tradicionalmente cotado como terceiro escolarca do Pórtico, é universalmente considerada a mais importante figura do estoicismo antigo. Segundo a tradição, escreveu mais de setecentos tratados. Promoveu o apuramento teórico e argumentativo das principais teses estóicas nos vários ramos do cânone (lógica, incluindo a filosofia da linguagem, a epistemologia e a teoria do método; física, incluindo a ontologia, a teologia e a psicologia; e ética), tendo sido, em particular, o primeiro grande impulsionador da investigação estóica em lógica formal, a quem se terá ficado a dever a exposição dos princípios básicos do cálculo proposicional, anteriormente trabalhados por megáricos e dialécticos. Foi, indiscutivelmente, o responsável pelo predomínio do estoicismo ao longo de todo o período helenístico, grego e greco-romano.

CRITOLAU DE FASÉLIS (c. 200-118 a.C.): Membro da escola peripatética, foi discípulo de Aríston de Cós, a quem veio a suceder como sexto escolarca do Liceu. Parece ter desenvolvido pensamento próprio sobretudo em ética e em retórica. Com Carnéades de Cirene, chefe da Academia, e Diógenes de Babilónia, chefe do Pórtico, foi um dos três professores enviados a Roma em 155 a.C. para obter o perdão de uma multa aplicada a Atenas, o que conseguiram, juntamente com um renovado interesse pela filosofia grega.

CRÓNIO (séc. II): Filósofo neopitagórico, contemporâneo de Numénio, foi-lhe atribuída uma obra *Sobre a Reincarnação*.

D

DAMÁSCIO (c. 456-540): Filósofo neoplatónico, originário de Damasco, na Síria. Discípulo de Hermias, Amónio e Heliodoro, veio a tornar-se o último chefe da escola ateniense, sucedendo a Isidoro. Após o encerramento da Academia pelo imperador Justiniano (529), retirou-se com Simplicio e outros discípulos para a Pérsia, de onde veio mais tarde a passar para Alexandria. Redigiu uma extensa obra, sobretudo de exegese aos textos de Platão (conservam-se os comentários ao *Fedro*, ao *Parménides* e ao *Filebo*; perderam-se os comentários ao *Primeiro Alcibiades* e ao *Timeu*, entre outros) e de Aristóteles (nenhum subsiste).

DÂMIS (sécs. I-II): Discípulo e companheiro de Apolónio de Tíana, pertenceu, tal como este, ao círculo neopitagórico. Tudo o que se sabe sobre ele deriva da *Vida de Apolónio* de Filostrato, pela qual ficamos a saber ter ele escrito um livro, *Memória de Dâmis*, sobre a sua convivência com o mestre e os feitos alcançados por este.

DAMO (sécs. VI-V a.C.): Filósofa pitagórica, a tradição dá-a como filha de Pitágoras e Teano, cujos escritos teria herdado e contribuído para preservar.

DÁRDANUS (c. 160- 90 a.C.): Filósofo estóico, foi discípulo de Diógenes de Babilónia e de Antípatro de Tarso. Embora Cícero assevere a sua importância, quase nada se sabe sobre o seu pensamento.

DAVID (fl. c. 575): Escritor cristão alexandrino, nascido na Arménia, foi cognominado *O Invencível*. Pertenceu provavelmente à escola originada em Olimpiodoro. Só se lhe conhece um comentário à *Isagoge* e outro às *Categorias*, que Busse editou sob o nome de Elias.²

DEMETER (mit.): Uma das principais divindades da mitologia grega, filha de Cronos e Reia e irmã de Zeus, o rei dos deuses, bem como de Posidon e Hades. Deusa da agricultura, das colheitas e da fertilidade, o seu culto era praticado em toda a Grécia, mas especialmente em Elêusis, na Ática, onde se celebravam os célebres Mistérios.

² Este tema permanece polémico. Alguns autores continuam a adoptar a lição de Busse a respeito da autoria do comentário às *Categorias*.

DEMÉTRIO: Nome convencional do erudito, provavelmente de filiação peripatética, a quem é atribuída a autoria do influente tratado *De elocutione*. Nada de seguro se sabe sobre ele, nem sequer a época em que terá vivido, para a qual têm sido propostas as mais desencontradas datas, entre os séculos III e I a.C. A sua obra contém alguns testemunhos interessantes a respeito da vida e da personalidade do Estagirita.

DEMÉTRIO DE CORINTO (séc. I): Filósofo cínico, estabeleceu-se em Roma entre os anos 37, sob Calígula, e 71, sob Vespasiano, que o forçou ao exílio, juntamente com todos os outros filósofos. Era muito estimado por Séneca, de quem era amigo, como também de Trásea Peto, a cuja condenação à morte assistiu.

DEMÉTRIO DE FALERA (c. 360-280 a.C.): Filósofo peripatético, discípulo directo de Aristóteles e membro do Liceu sob a direcção de Teofrasto e de Estratão, foi também um influente estadista pró-macedónio em Atenas no período subsequente à morte de Alexandre Magno e de Antípatro (318-317 a.C.). Entre os trabalhos editoriais que terá efectuado, conta-se a mais completa colecção conhecida dos apotegmas dos Sete Sábios, subsistindo, no entanto, diversos outros fragmentos de estudos seus sobre matéria literária e retórica.

DEMÉTRIO DE LACÓNIA (sécs. II-I a.C.): Filósofo epicurista, foi mestre de Filodemo. Terá escrito, pelo menos, um comentário a aspectos do pensamento de Epicuro. Subsistem fragmentos dos seus escritos na Vila dos Papiros, em Herculano.

DEMÉTRIO DE MAGNÉSIA (séc. I a.C.): Doxógrafo helenístico, criou o método das homonímias, que consistia em tratar conjuntamente os escritores com o mesmo nome.

DEMÓCARES (séc. IV a.C.): Em ambiente de reacção anti-macedónia, após a queda do governo de Demétrio de Falera, coube-lhe dirigir a acção tomada na primavera de 306 a.C. contra os filósofos, de acordo com o decreto de Sófocles nesse sentido, e de proferir contra eles um libelo acusatório. Aristóteles, bem conhecido pelo seu alinhamento político, foi, naturalmente, um dos visados. O discurso de Demócades tornou-se assim, pelo campo anti-macedónio, uma das principais fontes antigas da tradição difamatória contra o aristotelismo.

DEMÓCRATES: Filósofo pitagórico de época indeterminada, a quem é atribuída a autoria das *Sentenças Douradas*.

DEMÓCRITO DE ABDERA (c. 460-370 a.C.): Filósofo grego, discípulo de Leucipo de Mileto, foi o grande fundador do atomismo antigo. O seu pensamento distribuiu-se predominantemente pela cosmologia, onde aquela doutrina tem lugar, e por uma ética de teor mitigadamente hedonista. Subsistem numerosos fragmentos da sua vasta obra, considerada pelos doxógrafos antigos como uma das mais prolixas e influentes da Antiguidade, o que fazia com que, até ao neoplatonismo, o seu nome rivalizasse com os de Platão e de Aristóteles no panteão das três grandes figuras da história da filosofia. O Estagirita dá a devida atenção ao pensamento deste autor, em especial nos tratados físicos, embora tenha sido sobretudo o epicurismo a assegurar a penetração e perenidade da sua influência.³

DEMÓNAX DE CHIPRE (c. 70-170): Filósofo cínico, estudou com Agatobulo de Alexandria, Demétrio de Corinto e o estóico Epicteto. Foi mestre de Luciano, que lhe consagrou uma biografia. Diz-se que terá morrido, perto dos cem anos, deixando voluntariamente de se alimentar (mas histórias idênticas são contadas sobre Dionísio de Heracleia e Tito Ático).

DEXIPO (séc. IV): Filósofo neoplatónico, discípulo de Jâmblico, escreveu diversas obras sobre Platão e Aristóteles, de que se conserva um importante comentário em estilo catequético às *Categorias*.

DICEARCO DE MESSANA (c. 350-285 a.C.): Intelectual singulamente proteiforme do círculo peripatético, foi discípulo de Aristóteles no Liceu, vindo a distinguir-se como historiador, geógrafo, matemático e filósofo, onde deixou vasta obra. Em cartografia, foi um dos primeiros a introduzir as coordenadas geográficas. Plutarco e outros representantes da tradição favorável tardia preservam alguns curtos fragmentos com o seu nome em abono de Aristóteles e do Liceu.

DIODORO CRONO (séc. IV a.C.): Filósofo megárico de que pouco se sabe, sequer, com segurança, sobre a origem do apelido por que ficou conhecido. Parece que se terá notabilizado pelos trabalhos no domínio da lógica modal (e temporal?). Um dos seus contributos teóricos mais importantes é o chamado “argumento soberano”, em favor do determinismo, que resolve o problema dos futuros contingentes de um modo alternativo ao de Aristóteles (libertarianista) e de Crísipo (compatibilista).

DIODORO DE ASPENDO (séc. IV a.C.): Filósofo pitagórico de que quase nada se sabe, para além de que teria adoptado o estilo de vida cínico.

³ Platão, pelo contrário, ignora-o olímpicamente, jamais o referindo nos seus diálogos, o que faz supor que nem sequer o consideraria um filósofo, título que, a custo, ainda admitia para Anaxágoras (veja-se, a este respeito, o discurso pseudo-autobiográfico de Sócrates no *Fédon*)...

DIODORO DE TIRO (séc. II a.C.): Filósofo peripatético, dirigiu o Liceu após Critolau, de quem fôra discípulo.

DIÓDOTO (c. 120-59 a.C.): Filósofo estóico, contemporâneo de Cícero, de quem foi amigo, mestre e hóspede, em Roma.

DIÓGENES DE APOLÓNIA (n° c. 480 a.C.): Filósofo jónico, da tradição de Mileto, reavivou em época tardia o monismo cosmológico típico desta escola, embora enxertando nele alguns aspectos hauridos no sistema de Anaxágoras, de que era contemporâneo. Assim, a sua doutrina adopta o princípio básico de Anaxímenes, o ar, bem como os seus mecanismos cosmogónicos básicos, ao mesmo tempo que lhes associa o $\nu\omicron\upsilon\varsigma$ anaxagoriano.

DIÓGENES DE BABILÓNIA (c. 230-140 a.C.): Filósofo estóico, discípulo de Crísipo e mestre de Panécio e Antípatro (talvez também do académico Carnéades), foi o quinto escolarca do Pórtico, sucedendo a Zenão de Tarso. Com Carnéades de Cirene, da Academia, e Critolau de Fasélis, do Perípatos, integrou a embaixada enviada por Atenas a Roma em 155 a.C. para negociar o perdão de uma multa que havia sido aplicada à cidade grega. Em filosofia, parece ter continuado na senda de Crísipo, sobretudo em lógica, mas nenhuma das numerosas obras que lhe são atribuídas sobreviveu. Este pensador é frequentemente confundido com Diógenes de Seleucia (ver abaixo), que foi um filósofo epicurista, também originário da Babilónia, mais ou menos do mesmo período.

DIÓGENES DE ENOANDA (séc. II): Filósofo epicurista tardio, foi, no seu tempo, um dos grandes divulgadores das doutrinas do mestre, cujo ensinamento contribuiu para preservar. O resumo da filosofia de Epicuro que elaborou foi gravado ao longo das paredes de um pórtico existente na sua cidade, ocupando uma área de 260 m². A inscrição teria aproximadamente vinte e cinco mil palavras e estender-se-ia ao longo de cerca de 80 m. Sobrevive cerca de um terço do total, constituindo um dos testemunhos antigos mais importantes da filosofia epicurista.

DIÓGENES DE SELEUCIA (sécs. III-II a.C.): Filósofo epicurista, frequentou a corte selêucida no tempo do rei Alexandre Balas, cuja sorte partilhou, sendo condenado à morte após este ter sido destronado. É muitas vezes erradamente confundido com o estóico seu contemporâneo Diógenes de Babilónia, que também era natural de Seleucia, mas que desenvolveu actividade em Atenas.

DIÓGENES DE SÍNOPE (412-323 a.C.): Figura emblemática da escola cínica, que celebrizou, foi discípulo de Antístenes de Atenas. Cultivando um estilo de vida austero, de um ascetismo algo excêntrico e ostensivo, e uma veia cáustica e acerba, que ainda sobrevive em numerosos ditos que lhe são atribuídos, terá viajado por diversas cidades da Antiguidade, nomeadamente Atenas e Corinto, onde se estabeleceu. Aí, a tradição dá-o como vivendo num barril, forma escolhida para publicitar o seu desprendimento em relação a todos os laços e obrigações sociais. O nome da escola pode provir deste hábito e do epíteto *kuon* (“cão”), que a si próprio dava. Parece ter sido ele a introduzir o neologismo “cosmopolita” (à letra: “cidadão do mundo”), no qual se expressa exemplarmente a nova cosmovisão que o helenismo obsediadamente consagrará. Com efeito, antes dele, os gregos não concebiam uma relação directa do homem com o Cosmo, uma vez que entre um e outro colocavam uma realidade incontornável – a realidade incontornável da cidade, da comunidade politicamente organizada. Assim, os homens do tempo de Péricles ou de Sócrates, não se sentiam “cidadãos do mundo”, nem este conceito teria para eles sentido. O que eles eram, e o que eles se sentiam ser, era Atenienses, ou Espartanos, ou Tebanos, quando muito membros da Hélade, descendentes de Ulisses ou de Zeus. Por isso mesmo, a relação com o universo também não os afligia, porque eles não a sentiam como tal, a não ser analiticamente, isto é, enquanto investigadores científicos de um objecto particular, no caso o Cosmo, entendido na sua origem e nas suas regras de funcionamento. O problema da relação com o universo só surge quando a *polis* implode, com a entrada no helenismo, empurrado pelas legiões de Alexandre Magno. Então, o homem começa deveras a ter razões para se sentir minúsculo perante a enormidade do cosmo, porque já nada há entre ele e o universo que sirva de mediação e de anteparo. Agora – é ele ou eu. Pior ainda – é ele e eu. É a sensibilidade que, vinte séculos mais tarde, Pascal expressará com o grito: *Le silence éternel de ces espaces infinis m’effraie*. Ora é esta nova sensibilidade (prolongada filosoficamente pela obsessão com a felicidade, identificada com a imperturbabilidade, e a demanda da salvação individual,) que surge insinuada na expressão “cosmopolita”. Entre a cidadania do mundo e o recolher nocturno ao barril há, subterraneamente, uma subtil solidariedade que espreita: a solidariedade entre a dissolução dos deveres e interesses sociais e a instauração de uma relação directa com o universo. Neste sentido, seguindo o exemplo de Sócrates na deambulação pelos espaços públicos à procura de quem converter ou castigar, que parece ter cultivado, Diógenes torna-se propriamente o exemplo de uma outra mundividência, inteiramente diversa e já helenística (daí talvez o

epíteto de “Sócrates louco”, com que foi brindado).⁴ Sobrevivem diversos testemunhos e fragmentos de Diógenes, que autorizam uma reconstituição relativamente fiável, embora decerto limitada e parcial, da sua filosofia.

DIÓGENES DE TARSO (séc. II a.C.): Filósofo e escritor epicurista, atribuem-se-lhe diversas obras, que, no entanto, se perderam.

DIÓGENES LAÉRCIO (séc. III): Embora seja o mais famoso doxógrafo grego, sabe-se surpreendentemente pouco da sua biografia, salvo que terá vivido no século III d.C (provavelmente na primeira metade), uma vez que a sua monumental doxografia, de resto exaustiva, não refere os neoplatónicos. Escreveu uma única obra em dez livros, abordando todos os filósofos até aos do seu tempo, segundo a disposição tradicional em duas linhagens ou *sucessões*, uma jónica e outra itálica. A ele se deve parte substancial do nosso conhecimento dos filósofos anteriores, não só no que respeita às doutrinas, como no que toca à vida e à obra.

DÍON DE SIRACUSA (c. 410-354 a.C.): Aristocrata siciliano, cunhado e genro de Dionísio I e tio de Dionísio II, foi por este exilado em 366, de onde regressou nove anos depois para tomar o poder pela força. Após algumas vicissitudes políticas, veio a ser assassinado por Calipo de Atenas. As suas relações com Platão, de quem foi amigo e discípulo, estão amplamente testemunhadas na *Carta VII* e noutras cartas (a *IV* é-lhe dirigida).

DIONÍSIO I (431-367 a.C.): Também chamado “Dionísio, o velho”, foi tirano de Siracusa entre 405 a.C. e a data da sua morte. Envolvendo-se em múltiplas batalhas com os seus vizinhos cartagineses e nas numerosas guerras que distinguiram a convivência entre os gregos nesta época, contribuiu para o engrandecimento da sua pátria, embora internamente a sua governação se caracterizasse por um carácter brutal e impiedoso. Foi a seu convite que Platão fez a primeira visita a Siracusa, a qual terminou proverbialmente mal, com a sua venda como escravo em Egina, circunstância melindrosa de que vem a ser pouco depois desembaraçado por um tal Aniceride que ainda hoje se discute se corresponde ao filósofo cirenaico do mesmo nome.

⁴ Uma sensibilidade cosmopolita parece, todavia, detectar-se já em Demócrito de Abdera, se é que lhe pertence de facto o texto de DK B 247, que diz mais ou menos isto: “Para um homem sábio, toda a terra está aberta; pois a pátria de uma alma boa é o universo inteiro (ὁ ξύμπας κόσμος)”. Não surpreendentemente, o cosmopolitismo vai ser também um aspecto importante na filosofia estóica, logo desde o pensamento do fundador, para quem, segundo o testemunho de Plutarco, “nem nos Estados nem nas comunidades se deveria viver de acordo com leis diferentes entre si, mas dever-se-ia encarar todos os povos em geral como nossos conterrâneos e concidadãos, observando um só modo de vida e uma única organização” (*Sobre a Fortuna de Alexandre*, 329a8b5 = *SVFI*.262).

DIONÍSIO II (séc. IV a.C.): Também chamado Dionísio o Moço, sucedeu a seu pai no governo de Siracusa até à sua deposição por Díon em 357 a.C. Retomou o poder em 346, mas veio a ser definitivamente afastado três anos mais tarde, por intervenção dos exércitos de Corinto. Platão fez duas viagens a Siracusa durante o seu consulado, alimentado pela fútil expectativa de poder inspirar directamente um Estado governado por um rei-filósofo. Foi durante a primeira dessas viagens que Aristóteles ingressou na Academia. A natureza da personalidade e da governação de Dionísio é apreciada por Platão em diversas cartas, nomeadamente na *Carta VII*, sendo-lhe especialmente endereçadas a *I, II, III e XIII*.

DIONÍSIO DE CALCEDÓNIA (séc. IV a.C.): Filósofo megárico, fundou dentro da escola uma tendência a que chamou “dialéctica”, onde se virá a destacar Fílon de Mégara, o primeiro teorizador de lógica proposicional. Diz-se que Teodoro de Cirene, “o ateu”, terá frequentado as suas lições.

DIONÍSIO DE CIRENE (séc. II a.C.): Membro da escola estóica, onde estudou com Diógenes de Babilónia e Antípatro de Tarso, distinguiu-se sobretudo como matemático.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO (n.º c. 60 a.C.): Escritor, historiador e professor de retórica em Roma durante o tempo de Augusto. As suas *Cartas a Amaio* constituem uma das principais fontes para o estabelecimento da cronologia da vida de Aristóteles, a qual terá sido colhida, através de uma fonte intermédia, em Apolodoro e por este em Filócoro. Todavia, muitas das suas outras obras encerram fragmentos de testemunhos ainda mais antigos sobre a biografia aristotélica, bem como documentos importantes para o conhecimento de filósofos anteriores.

DIONÍSIO DE HERACLEIA, O RENEGADO (sécs. IV-III a.C.): Discípulo do académico Heraclides Pôntico, dos megáricos Alexino de Élis e Menedemo de Eritreia e, finalmente, do estóico Zenão de Cítio, começou por aderir a esta escola. Mais tarde, veio, no entanto, a abandoná-la, em virtude de se ver afectado por grande sofrimento físico, para o qual o estoicismo não forneceu, aparentemente, consolação. Passou então a integrar o círculo cirenaico (daí o epíteto de “renegado”), onde se distinguiu pelas demonstrações imoderadas de hedonismo. Também dele se diz que terá cometido suicídio por inanição, mas a história poderá ser transferida de Demónax, cuja biografia é conhecida através de um discípulo directo, o que lhe dá maior fidedignidade. Todas as obras que Diógenes Laércio lhe atribui se perderam.

DIONÍSIO DE LÂMPTER (c. 275-205 a.C.): Filósofo epicurista, foi o quarto escolarca do Jardim, sucedendo a Polístrato por volta de 219 a.C.

DIONISO (mit.): Deus da mitologia grega, mas porventura de origem trácia, a que a *Teogonia* de Hesíodo atribui como progenitores Zeus e Sémele. Era-lhe dedicada a vegetação e, em geral, o dinamismo vital e os ciclos de renovação da natureza, emparelhando com Demeter nos cultos místéricos, mas vindo a suplantá-la na devoção popular, ao ponto de rivalizar com Apolo, de que constituía, na religião helénica, uma espécie de complemento, representando aquele o acesso gnóstico da purificação e este o entusiasmo místico, particularmente patente nos cultos báquicos, de cariz marcadamente extático.

DIOTIMO (séc. II-I a.C.): Filósofo estóico, distinguiu-se pela radicalidade dos ataques desferidos contra a figura de Epicuro, que tentou caracterizar como um debochado, utilizando, ao que parece, documentos forjados (delito que pode, inclusive, ter-lhe custado a vida). A crer no testemunho de Clemente de Alexandria, as teses éticas que subscreveu atenuam o rigorismo estóico, aproximando-se de um ecletismo de teor aristotelizante.

E

ECFANTO DE SIRACUSA (séc. IV a.C.): Filósofo pitagórico, considera-se ter sido um dos defensores primitivos da teoria heliocêntrica. No entanto, permanece a dúvida sobre se terá sido uma figura real ou apenas um personagem dos diálogos de Heraclides Pôntico.

ÉCIO (séc. II): Autor desconhecido dos *Vetusta Placida*, designação modernamente atribuída a uma antologia de *Opiniões dos Filósofos*, perdida no original, mas conservada em dois epítomes tardios, onde se reúne parte muito substancial da nossa informação sobre a filosofia antiga.

ECCLETISMO: A expressão “eclectismo” provém de ἐκ-λέγειν, “escolher”, e aplica-se para designar a selecção de elementos doutrinários de diferentes filosofias e a sua fusão numa síntese geral. São conhecidas diversas correntes ecléticas na Antiguidade helenística e tardia, nomeadamente o eclectismo estóico, o eclectismo platónico e o eclectismo aristotélico. O segundo, testemunhado especialmente pela IV Academia e pelo platonismo médio, caracteriza-se pela inclusão de elementos de origem estóica e também peripatética numa doutrina matricialmente platónica.

EDÉSIA (séc. V): Filósofa neoplatónica da escola de Alexandria, foi casada com Hermias, de quem teve Amónio e Heliodoro. Após a morte do marido, deslocou-se com os filhos para Atenas, onde se tornou uma figura muito respeitada.

EDÉSIO DE PÉRGAMO (séc. IV): Filósofo neoplatónico da escola síria, foi discípulo de Jâmblico, cujas doutrinas terá parcialmente modificado, sobretudo no capítulos da divinação e da taumaturgia, em que se distinguiu. Após a dispersão da escola síria, estabeleceu-se em Pérgamo, onde teve por discípulos Máximo de Éfeso, Eusébio de Míndo, Crisanto de Sárdis e o futuro imperador Juliano, o apóstata. Após a ascensão ao trono, o imperador levou Eusébio e Crisanto para Roma, em virtude de Edésio ter declinado o convite para continuar em pessoa o ensinamento na corte imperial.

ELEATAS: Escola filosófica pré-socrática que a tradição faz recuar até Xenófanes de Cólofon, devido a circunstâncias discutíveis da sua biografia e à analogia entre o seu henoteísmo e o monismo ontológico que a filosofia eleática introduziu. O seu verdadeiro fundador foi, no entanto, Parménides de Eleia, cuja obra enuncia todos os aspectos característicos desta filosofia. Outros filósofos importantes da escola foram Melisso de Samos e Zenão de Eleia. A sua doutrina é habitualmente vista, pelo menos desde Platão, como uma ontologia monista, cujo princípio (o Ser ou o Uno) surge caracterizado segundo os critérios da unidade, da identidade e da permanência.

ELIANO (c. 175-235): Cláudio Eliano, escritor e professor de retórica romano, redigia igualmente bem em grego e em latim. Nas suas *Varia historia*, preserva diversas anedotas sobre autores antigos.

ELIAS (fl. c. 540): Escritor cristão alexandrino, membro da escola neoplatónica, comentou predominantemente os aspectos introdutórios da lógica, nomeadamente a *Isagoge* de Porfírio, embora subsistam também alguns escólios ao *Sobre a Interpretação* e o princípio de um comentário aos *Primeiros Analíticos* de Aristóteles. Dada a proximidade entre os seus textos e os de Olimpíodoro, pensa-se que Elias poderá ter sido seu discípulo.

ÉLIO ARISTIDES (117-181): Célebre orador grego da segunda sofística, fez a sua formação no Egipto e em Atenas, deslocando-se depois para Roma, onde permaneceu prolongadamente. Nos seus discursos, preserva alguns testemunhos importantes sobre autores antigos.

EMPÉDOCLES DE AGRIGENTO (c. 495-435 a.C.): Médico, político e filósofo grego, natural da Sicília, escreveu, ao que parece (a tese tornou-se hoje controversa), duas obras de natureza filosófica, *Da Natureza* e *Purificações*, a primeira dedicada à exposição de uma cosmologia de índole neojónica, onde o universo é descrito como a contínua unificação e separação de quatro substâncias principais ou *raízes* (os quatro elementos da tradição grega), mercê da acção oposta do Amor e da Discórdia, e a segunda constituindo uma escatologia de carácter pitagorizante, em que avulta a transmigração das almas e a sua salvação através da purificação. Aristóteles atribui-lhe a fundação da retórica.

ENESIDEMO (c. 100-40 a.C.): Filósofo céptico do tempo de Cícero, nasceu em Creta, mas viveu a maior parte da sua vida em Alexandria. Originariamente membro da Academia, rompeu com a escola aquando da sua deriva eclética, e, portanto, dogmática, vindo então a constituir uma escola própria. Rompendo com a tradição céptica antiga de nada escrever, tornou-se o primeiro grande arauto da filosofia pirrónica, escrevendo os *Argumentos Pirrónicos*, em 8 livros. Embora a obra não tenha sobrevivido, encontra-se epitomizada por Fócio, patriarca bizantino do séc. IX, na sua *Biblioteca*. Atribui-se-lhe a divulgação, se não mesmo a elaboração, dos célebres tropos cépticos, reunindo dez argumentos em favor da suspensão do juízo.

ENÓMAO DE GADARA (séc. II): Escritor e filósofo cínico, conhecem-se-lhe diversas obras da sua autoria, mas que só muito fragmentariamente subsistem.

EPICARMO DE CÓS (sécs. VI-V a.C.): Escritor e dramaturgo grego, parece ter sido o primeiro a escrever comédias. A sua obra era extencíssima, mas praticamente nada sobreviveu dela. A tradição refere que, apesar das suas origens asclepiadas, se havia tornado um seguidor do pitagorismo. Em algumas listagens, o seu nome aparece como um dos Sete Sábios da Grécia.

EPICTETO (c. 55-135): Filósofo estóico sob o império romano, nasceu na Frígia, de condição servil (o nome por que o conhecemos significa justamente “adquirido”, não se conhecendo o seu nome próprio). Ainda escravo, aprendeu filosofia com Musónio Rufo. Libertado cerca do ano 90, continuou a viver em Roma, ensinando ele próprio filosofia, até que, com todos os filósofos residentes na península, foi expulso de Roma, e depois de Itália, pelo imperador Domiciano, em 93 d.C. Exilou-se então em Nicópolis, no Épiro, onde viveu o resto da vida. O seu pensamento é-nos inteiramente conhecido através dos escritos do seu discípulo Ario. A crer neste repertório, parece ter abandonado o interesse estóico primitivo pela lógica e pela física, dedicando-se exclusivamente à ética. A sua influência sobre os destinos do estoicismo posterior, e imediatamente em Marco Aurélio, é evidente.

EPICURISMO: O epicurismo é, a par do estoicismo e do cepticismo pirrónico, uma das três grandes correntes filosóficas que surgem com a cultura helenística e que a vão marcar até ao final da Antiguidade. Se o estoicismo foi profundamente influenciado pela escola cínica, fundada em Atenas pelo discípulo socrático Antístenes, já o epicurismo denota uma evidente relação com a escola cirenaica, também derivada do socratismo, através de Aristipo de Cirene. Todavia, esta última influência verifica-se predominantemente no domínio da ética, em que ambas as escolas adoptam uma solução hedonista para o problema do bem supremo, de acordo com a qual a felicidade reside no prazer, interpretada muito embora pelo epicurismo como ausência de dor, apenas atingível pelo abandono de todos os desejos, temores e expectativas. Ao invés, em metafísica, o epicurismo optará por uma ontologia materialista baseada no atomismo de Leucipo e Demócrito e por uma epistemologia empirista, para a qual o conhecimento verdadeiro repousa sobre os sentidos.

EPICURO (341-271 a.C.): Nasceu em Samos, à época colónia ateniense, de onde partiu para Atenas aos 18 anos. Chega a esta cidade no mesmo ano em que Aristóteles é forçado a partir pela segunda vez (323). Feita a sua formação, fundou as suas primeiras escolas em Mítilene e em Lâmpsaco, só se estabelecendo definitivamente em Atenas em 306. Epicuro e a sua escola (em especial o seu fiel companheiro Metrodoro) foram críticos ferozes do aristotelismo, alimentando uma polémica

frequentemente pessoal contra os escolarcas do Liceu e contra o seu fundador e usando para esse efeito as injúrias postas já a circular pelo partido anti-macedónio e, em parte, pelos membros da escola isocrática.

EPIMÉNIDES DE CRETA (séc. VII a.C.): Personagem lendária, a quem se atribuem uma longevidade heróica e os mais diversos feitos prodigiosos. Na Antiguidade, reconhecia-se-lhe uma teogonia e uma cosmogonia em versos hexâmetros, imputação que é hoje muito discutida. Também lhe é atribuída a primeira versão do paradoxo do mentiroso (ver, abaixo, entrada relativa a Eubúlides de Mileto), conhecida habitualmente como “paradoxo do cretense”. Integra alguns dos elencos dos Sete Sábios da Grécia.

EPÍTIMEDES DE CIRENE (séc. IV a.C.): Filósofo cirenaico, parece ter sido um dos discípulos de Antípatro, mas nada mais de seguro se sabe sobre ele.

EQUÉCRATES DE FLIUNTE (séc. V a.C.): Personagem do *Fédon* de Platão, aparece aí identificado com a escola pitagórica. A sua referência noutras obras leva a crer que se poderá tratar de um personagem histórico.

ERASÍSTRATO DE CÓS (c. 304-250 a.C.): Médico grego da tradição hipocrática, foi um dos mais afamados clínicos do seu tempo, chegando a ocupar o posto de físico da corte de Seleuco Nicator da Síria. Foi, contudo, como anatomista que mais se distinguiu, tendo fundado, com o seu colega Herófilo de Calcedónia, a escola de anatomia de Alexandria, onde, durante um curto período, se deu um impulso notável à investigação e ao conhecimento desta disciplina.

ERATÓSTENES DE CIRENE (c. 275-195 a.C.): Notável matemático, astrónomo e geógrafo grego. Por convite do faraó Ptolemeu Evérgeta, foi nomeado director da Biblioteca de Alexandria, na esteira de Calímaco, que fora seu mestre, e de Apolodoro de Rodes, que lhe havia sucedido. A sua erudição era vastíssima, assim como os seus interesses. Entre eles, contam-se os estudos em cronologia, em que foi o mais consistente antecessor de Apolodoro de Atenas. Nos domínios científicos, devem-se-lhe numerosos feitos, como a primeira medição, aliás bastante exacta, da circunferência da Terra (talvez também da distância ao Sol), a invenção de um sistema de latitudes e longitudes, a construção de um mapa-mundo, a criação da esfera armilar, a introdução do ano bissexto e a descoberta de um algoritmo para calcular números primos (hoje conhecido como “crivo de Eratóstenes”).

ERIMENEU (séc. II a.C.): Foi o oitavo escolarca do Liceu, tendo sucedido a Diodoro no final do século II a.C.

ESARA DE LUCÂNIA (sécs. IV-III a.C.): Filósofa pitagórica, deve-se-lhe um tratado em dialecto dórico *Sobre a Natureza Humana*, de que subsiste um fragmento preservado por Estobeu. A autenticidade e data do texto, e, com elas, a existência da própria autora, permanecem, contudo, controversas.

ESPEUSIPO DE ATENAS (c. 395-339 a.C.): Filósofo grego, sobrinho e discípulo de Platão. Tendo entrado para a Academia na década de 80, veio a suceder a seu tio na direcção da escola em 347. Escreveu diversas obras, nomeadamente em diálogo, de que hoje apenas subsistem fragmentos, pelo que só temos conhecimento indirecto das suas doutrinas, designadamente através das críticas que Aristóteles lhe dirigiu. Parece que terá prolongado o ensinamento platónico, acentuando, no entanto, a sua vertente pitagórica, patente em especial na interpretação dos números como princípios ontológicos.

ÉSQUINO DE ATENAS (ÉSQUINO SOCRÁTICO) (c. 425-350 a.C.): Discípulo de Sócrates, atribui-se-lhe a autoria de sete diálogos socráticos. Não fundou escola, nem parece ter-se distinguido na filosofia. Platão refere apenas o seu nome na *Apologia* e no *Fédon*, testemunhando a sua presença nos momentos da condenação e morte do Mestre.

ESTÁSEAS DE NÁPOLES (séc. I a.C.): Membro do Perípato na época de Cratipo de Pérgamo, Boécio de Sídon, Nicolau de Damasco e Aríston de Alexandria.

ESTÊVÃO DE ALEXANDRIA (sécs. VI-VII): Autor tardio da escola de Alexandria, foi nomeado para a cátedra de Filosofia em Constantinopla por volta de 610. Comentou o *Sobre a Interpretação* e o terceiro livro do *Sobre a Alma*, editado por Hayduck sob o nome de Filópono. Compôs ainda um curso de aritmética, como ele próprio refere, e um tratado de astronomia, parcialmente editado. A sua identidade com o professor de medicina Estêvão de Atenas permanece por decidir.

ESTILETE DE LANÚVIO (c. 154-74 a.C.): Lúcio Élio Estilete Preconino é considerado o primeiro filólogo latino (daí o epíteto “estilete”, alusão ao *stylus*, instrumento de que os romanos se serviam para escrever). Subsistem poucos testemunhos da sua obra, mas parece que se terá dedicado sobretudo à retórica e à história da literatura. Foi mestre de Varrão e de Cícero, que o inclui no círculo estóico do seu tempo.

ESTÍLPON DE MÉGARA (c. 360-280 a.C.): Filósofo megárico do tempo de Crates, na Academia, e de Teofrasto, no Liceu, parece ter sido o primeiro representante da escola a não ter convivido directamente com Euclides. A sua filosofia, de que não restaram fragmentos, terá contribuído para a convergência do megarismo com o cinismo, cuja ética exigente e ascética adoptou. A tradição dá-o como professor de Zenão de Cítio e de Menedemo de Eritreia, bem como, por interposição, de Pírron de Élis.

ESTOICISMO: Corrente filosófica da Antiguidade, mas de grande repercussão ao longo da história da filosofia. O estoicismo antigo foi fundado por Zenão de Cítio, pertencendo igualmente à escola os filósofos Cleantes e Crisipo, entre muitos outros. A sua influência em toda a Antiguidade foi enorme, tendo tido representantes quer no período helenístico quer no período imperial. Como todas as escolas helenísticas, a sua preocupação filosófica era predominantemente moral e visava a aquisição da felicidade, identificada pelos estóicos, na esteira do pensamento cínico, com a virtude. No entanto, o estoicismo encarava o conhecimento como um instrumento fundamental deste desiderato, pelo que a sua filosofia incluía, a par da ética, a lógica e a física (num sentido muito amplo, que albergava a ontologia, a teologia, a psicologia e a cosmologia propriamente dita), áreas em que foi profundamente inovadora. No estoicismo médio (final do período helenístico), a escola derrapou para o ecletismo, enquanto que o estoicismo recente (período greco-romano) foi marcado por um regresso à matriz original, mas restringindo-se progressivamente à ética, como é bem exemplificado por Epicteto e Marco Aurélio.

ESTRABÃO (c. 63 a.C. - 24 d.C.): Célebre geógrafo grego de matriz peripatética, nasceu no Ponto, mas fixou-se em Roma. Aí escutou as lições de Tirânio e frequentou o seu círculo, tendo mantido relações pessoais com Andronico e Boécio de Sídon. As suas obras preservam alguns testemunhos importantes sobre a biografia de Aristóteles, entre os quais aquele que parece ser o relato em primeiro mão do desaparecimento e redescoberta da colecção aristotélica.

ESTRATÃO DE LÂMPSACO (335-269 a.C.): Conhecido como “o físico” ou “o naturalista” (φυσικός), foi o último escolarca do Liceu a ter convivido directamente com o ensinamento de Aristóteles e de Teofrasto. Fazendo jus àquele epíteto, o seu interesse centrou-se sobretudo no domínio da filosofia natural, onde adoptou posições teóricas por vezes divergentes das assumidas pelos seus dois antecessores, por exemplo no que toca à definição dos conceitos de lugar, de vazio, de tempo ou de movimento. Considera-se que a sua liderança poderá ter contribuído para o progressivo abandono da genuína matriz aristotélica que até aí caracterizava a escola, sendo certo, em todo o caso, que, provavelmente a despeito das suas próprias intenções, o seu desaparecimento marcou a conversão

definitiva do Perípatos às investigações exclusivamente centradas na dialéctica e na retórica. As palavras que redige no testamento transcrito por Diógenes Laércio surpreendem bem a sua percepção deste destino: “Deixo a escola a Lícon, porque os restantes ou estão demasiado velhos ou demasiado ocupados com outras coisas”.

EUBÚLIDES DE MILETO (séc. IV a.C.): Filósofo megárico contemporâneo de Aristóteles, foi uma das principais figuras da escola, atribuindo-se-lhe a autoria de diversos paradoxos célebres, como o paradoxo de Electra, o paradoxo do calvo ou o paradoxo do mentiroso. O ambiente apaixonado que se vivia na época pode justificar o livro que escreveu contra Aristóteles e onde se reúne um verdadeiro repositório de acusações infamantes, depois repetidamente glosadas pela tradição hostil ao Estagirita.

EUCLIDES (c. 360-300 a.C.): Natural de Alexandria, onde viveu, foi o maior matemático do seu tempo, cabendo-lhe reduzir a sistema axiomático, no manual em treze livros intitulado *Elementos*, os conhecimentos de geometria que os seus predecessores e ele próprio haviam descoberto. Devem-se-lhe também diversos outros tratados de matemática, bem como de astronomia, harmonia, óptica e mecânica. Julga-se que terá sido membro da Academia platónica, onde teria estudado na juventude, o que é inteiramente plausível tendo em atenção a importância conferida à matemática por esta escola, frequentada, aliás, por outros grandes cultores desta disciplina, como Arquitas de Tarento e Eudoxo de Cnido.

EUCLIDES DE MÉGARA (c. 450-380 a.C.): Filósofo grego, foi discípulo de Sócrates e fundador de uma das escolas socráticas “menores”, a escola megárica. Terá sido anfitrião de Platão após a morte do mestre comum e o Ateniense parece querer celebrar a amizade que os unia ao entregar-lhe a narração do *Teeteto*. De resto, Platão só o refere uma vez, no *Fédon*, mencionando a sua presença no dia da morte de Sócrates, embora seja plausível que algumas passagens críticas do *Sofista* visassem a sua doutrina, bem como que a metodologia erística ridicularizada no *Eutidemo* fosse a sua ou a dos seus discípulos. O antagonismo entre a escola megárica, já após o seu desaparecimento, e o Perípatos foi fortíssimo, chegando a atingir o nível do agravo pessoal gratuito.

EUDEMO DE RODES (350-290 a.C.): Matemático e astrónomo do círculo peripatético, foi contemporâneo de Teofrasto no Liceu, após o que fundou uma escola própria na sua cidade natal.

EUDORO DE ALEXANDRIA (séc. I a.C.): Filósofo peripatético, surge referido como autor de comentários à *Metafísica* e às *Categorias* de Aristóteles, respectivamente por Alexandre de Afrodísias e por Simplicio. A terem existido, ambos os trabalhos estão hoje perdidos.

EUDOXO DE CNIDO (c. 408-355 a.C.): Célebre cientista grego, foi discípulo de Platão, tendo estudado também com Arquitas de Tarento. Notabilizou-se especialmente como matemático e astrónomo, embora tenha estendido a sua actividade à geografia, à medicina e à filosofia, domínio em que terá procedido a uma revisão da teoria das ideias. Parece que seria ele o escolarca da Academia aquando do ingresso de Aristóteles. Certa é a sua influência sobre diversos aspectos do pensamento aristotélico, designadamente em cosmologia.

EUFANTO DE OLINTO (séc. IV a.C.): Historiador e autor de tragédias, pertenceu à escola megárica, onde estudou com Eubúlides de Mileto. Foi professor de Antígono Monoftalmo, rei da Macedónia, a quem veio a dedicar um ensaio *Sobre a Realeza*.

EUFRATES (c. 35-118): Membro da escola estóica, onde foi discípulo de Musónio Rufo, distinguiu-se sobretudo como orador.

EUMELO (sécs. IV-III a.C.): Autor contemporâneo de Filócoro, parece ter escrito uma obra apologética sobre Aristóteles, de que, todavia, só subsiste um curto fragmento.

EUMERO (séc. IV a.C.): Filósofo cirenaico de origem indefinida (o Peloponeso e a Sicília são os candidatos mais fortes), radicou-se na Macedónia, onde frequentou a corte do rei Cassandro, filho de Antípatro. Dedicou-se sobretudo à filosofia da mitologia, onde, segundo a inspiração empirista da escola, desenvolveu um método de interpretação naturalista que leva o seu nome, de acordo com o qual os mitos representam a mera tradução de episódios históricos reais.

ÊURITO (séc. V a.C.): Filósofo itálico, não se sabe ao certo se de Crotona ou de Tarento, foi discípulo de Filolau e, segundo certas fontes, mestre de Platão. A sua filiação na escola pitagórica e a sintonia do seu pensamento com as orientações desta estão seguramente atestadas.

EUSÉBIO DE CESAREIA (263-339): Estudou com Panfílio (c. 240-309), presbítero da Igreja de Cesareia (Palestina), cidade de que vem a ser feito bispo (c. 313). Dedicou-se à história da Igreja, daí resultando uma monumental *História Eclesiástica*, onde se encontram preservados, tal como em outras

obras suas, inúmeros testemunhos (e, especialmente, citações directas) de autores antigos, que, nalguns casos, só através delas se conhecem.

EUSÉBIO DE MINDO (séc. IV): Filósofo neoplatónico, discípulo de Edésio de Pérgamo, desenvolveu especialmente estudos na área da lógica, desconfiando, em contrapartida, da vertente mística, muito forte na escola e não menos no seu círculo mais imediato (Edésio e os seus condiscípulos Máximo de Éfeso e Crisantio de Sárdis).

EUSTRÁCIO (c. 1050-1120): Metropolitano de Niceia e membro da Academia de Constantinopla, foi uma das principais figuras do círculo de eruditos que rodeou a princesa Ana Comena durante o séc. XII e que se dedicou ao comentário de tratados aristotélicos até aí negligenciados, nomeadamente a *Ética a Nicómaco*, que terá empreendido em conjunto com Miguel de Éfeso e outros. Deve-se-lhe também um comentário aos *Segundos Analíticos*.

EUTÓQUIO DE ASCALÃO (c. 480-540): Importante matemático grego, foi ele, de acordo com alguns autores, quem sucedeu a Amónio Hermeu na chefia da Escola. Terá redigido um curso sobre o *Organon* e um comentário à *Isagoge* de Porfírio.

EVANDRO (sécs. III-II a.C.): Membro da Academia Média, que dirigiu desde os últimos anos de vida de Lacides em conjunto com Técleles e na imediata sequência, até à morte deste. Nada se sabe sobre o seu pensamento.

F

FÂNIAS DE ERESO (séc. IV-III a.C.): Filósofo peripatético, pensa-se que terá entrado no Liceu ainda em vida de Aristóteles. Dedicou-se sobretudo à lógica, à botânica e à história, mas os seus escritos não sobreviveram, assim como não os comentários aos primeiros tratados do *Organon* que lhe são atribuídos.

FANTO DE FLIUNTE (séc. IV a.C.): Filósofo pitagórico, considera-se ter sido discípulo de Filolau e um dos últimos representantes da primeira fase da escola.

FAVORINO DE ARELATE (c. 80-160): Filósofo céptico e hábil dialecta na época da segunda sofística, representa bem a diversidade cultural do império romano nos tempos de Trajano e Adriano: gaulês de origem, era cidadão romano e usava o grego para escrever e ensinar. Foi amigo pessoal de Plutarco e parece ter construído uma obra pelo menos tão vasta como a dele, de que, no entanto, só subsistem alguns fragmentos, preservados por Aulo Gélio, Filóstrato de Lemnos (c. 170-249) e Diógenes Laércio, para além de outros mais tardios. Diógenes Laércio cita-o repetidamente como sua fonte no estabelecimento da biografia, e sobretudo da cronologia, de Aristóteles.

FÉDON DE ÉLIS (sécs. V-IV a.C.): Filósofo grego, contemporâneo mais novo de Platão, foi, como ele, discípulo de Sócrates e escritor de diálogos socráticos. Dos cinco que lhe foram atribuídos, só dois, *Simão* e *Zopiro*, eram desde a Antiguidade considerados autênticos. Fundou uma escola na sua pátria, cujo ensinamento, provavelmente semelhante ao megárico, não é hoje conhecido. O seu seguidor Menedemo de Eritreia transferiu-a para esta cidade, assim determinando a designação histórica que a veio a identificar definitivamente. Platão refere-se a Fédon apenas no diálogo que tem o seu nome e onde ele é simultaneamente narrador, personagem e, episodicamente, interveniente.

FEDRO (138-70 a.C.): Filósofo epicurista, foi um dos últimos chefes conhecidos da escola em Atenas. Cícero, que o conheceu, terá usado os seus escritos como fonte da teologia epicurista para o seu *Da Natureza dos Deuses*.

FERECIDES DE CIRO (séc. VI a.C.): Sábio grego (um dos lendários Sete Sábios da Grécia), de cuja vida e actividade pouco se sabe, também em virtude da haura lendária de que a tradição o revestiu. É, no entanto, certo que deixou um livro (em prosa?), no qual era desenvolvida, em estilo mitopoético, uma cosmogonia.

FILIFE DE OPUNTO (séc. IV a.C.): Discípulo de Platão, atribui-se-lhe desde a Antiguidade a compilação ou revisão das *Leis* e a autoria do seu “anexo”, o *Epinomis*. Esta última hipótese é hoje discutida, mas, se realmente se trata de obra sua, o seu pensamento afigura-se permanecer fiel ao do seu mestre, embora denunciando já os interesses predominantemente matemáticos e, aqui, astronómicos que caracterizarão a filosofia académica após a morte de Platão.

FILISCO DE EGINA (séc. IV a.C.): Filósofo cínico, parece ter sido discípulo de Diógenes de Sínope e talvez de Estílpon de Mégara. As fontes antigas atribuem-lhe diversos diálogos, nenhum dos quais sobreviveu.

FILÓCORO DE ATENAS (340-262 a.C.): Historiador da Ática, a sua obra, embora perdida, subsiste num número apreciável de fragmentos. A probidade científica de Filócoro deixa-se medir pelo facto de, apesar de ferozmente anti-macedónio (atitude que, aliás, o viria a vitimar), ter contribuído para ilibar Aristóteles e o Perípato das acusações de traição postas a circular contra eles, designadamente pelo libelo de Demócates, bem como para desmontar outras calúnias lançadas sobre o Estagirita. Neste sentido, pode ser considerado o responsável pela mais antiga reacção contra o espírito cegamente anti-aristotélico que começou a dominar a cultura ateniense logo após a morte do filósofo. Por outro lado, a cronologia da vida de Aristóteles que chegou até nós através de Dionísio de Halicarnasso e de Diógenes Laércio também é ultimamente derivada de Filócoro.

FILODEMO DE GÁDAROS (c. 110-28 a.C.): Escritor, poeta e filósofo epicurista grego, foi discípulo de Zenão de Sídon em Atenas, após o que se estabeleceu em Roma e, finalmente, em Herculano. Além das suas obras filosóficas próprias, cobrindo uma grande variedade de assuntos (melhor conhecidas após a descoberta da *Villa dei Papiri*), redigiu uma obra de cariz biodoxográfico intitulada *A Sucessão dos Filósofos* e um *Índice dos Filósofos Académicos*, ambos contendo informações importantes retiradas de fontes fidedignas mais antigas. Embora partilhando a animosidade do epicurismo por Aristóteles, cujos lugares-comuns ainda reflecte, revela maior isenção do que os mestres da primeira geração, Epicuro e Metrodoro. Os seus textos são especialmente relevantes no que toca à polémica entre Aristóteles e a escola isocrática após 360 a.C., aquando da redacção do diálogo *Grilo*, constituindo uma das fontes fundamentais para o conhecimento das críticas dirigidas por esta àquele.

FILOLAU DE CROTONA (c. 470-385 a.C.): Filósofo grego contemporâneo de Sócrates, o mais notável de entre os pensadores pitagóricos e, provavelmente, aquele a que se ficou a dever a elaboração ou fixação doutrinária das teses que celebrizaram a escola, tanto do ponto de vista ontológico (o

primado dos números, a natureza como harmonia, a tábua dos contrários), como do ponto de vista cosmológico (a antecipação do sistema heliocêntrico, a “harmonia das esferas”), como ainda do ponto de vista ético e escatológico (a imortalidade da alma e a transmigração). Platão refere-se-lhe unicamente no *Fédon*, embora, a ser certa esta resenha, a sua influência sobre o pensamento platónico deva ser considerada apreciável.

FÍLON DE ALEXANDRIA (20 a.C. - 50 d.C.): Judeu helenizado nos tempos do império romano, foi a mais importante figura do sincretismo greco-hebraico, o que veio a fazer dele, três séculos mais tarde, uma referência fundamental para a especulação cristã nascente.

FÍLON DE LARISSA (c. 159-83 a.C.): Filósofo académico, foi discípulo de Carnéades e Clitómaco. Por influxo da filosofia estóica, iniciou um movimento de afastamento em relação à tendência céptica que caracterizava a Nova Academia, abrindo caminho ao eclectismo platónico da IV Academia, que fundou, ao tornar-se seu escolarca. Com o início da primeira guerra mitridática, em 88 a.C., Fílon fugiu de Atenas para Roma, onde parece ter vindo a morrer. A Academia veio, por seu vez, a ser destruída durante o cerco de Sila a Atenas, em 86 a.C., tornando Fílon o último escolarca da velha Academia em sucessão directa de Platão.

FÍLON DE MÉGARA (séc. IV-III a.C.): Filósofo megárico, conhecido como “o dialecta”, não se sabe se seria realmente originário daquela cidade, ou se a naturalidade lhe teria sido imputada em virtude da sua pertença à escola. Foi discípulo de Diodoro Crono, cujas convicções deterministas parece, no entanto, ter rejeitado. Deve-se-lhe sobretudo o lançamento das bases da lógica proposicional e, em particular, a definição das condições de verdade das conectivas proposicionais.

FILÓNIDES DE LAODICEIA (c. 200-130 a.C.): Matemático e filósofo epicurista, foi professor dos reis selêucidas Antíoco IV e Demétrio I, a cuja corte pertenceu. Atribui-se-lhe a autoria de mais de cem livros, que não subsistiram.

FÍNTIS DE CROTONA (séc. IV a.C.): Filósofa pitagórica, atribui-se-lhe uma obra em dialecto dórico sobre o papel e o comportamento das mulheres. Nada mais se sabe sobre a sua vida e pensamento.

FÓRMION DE ÉFESO (séc. II a.C.): Membro da escola peripatética na época de Critolau, terá sido nela contemporâneo do doxógrafo Sócion de Alexandria.

G

GAIO (séc. II): Figura pouco conhecida do platonismo médio, foi mestre de Albino, que redigiu um epítome das suas lições, hoje perdido. Embora nada se saiba sobre o seu pensamento e a sua obra, ambos terão sido suficientemente influentes para que ainda fossem considerados dignos de atenção por parte de Plotino, segundo o testemunho insuspeito de Porfírio. Subsiste um comentário anónimo parcial ao *Teeteto* que poderá provir da sua mão ou da dos seus discípulos.

GAIO AMAFÍNIO (séc. II-I a.C.): Filósofo epicurista, é reputado como o introdutor desta escola em Roma. Cícero, que é a única autoridade antiga que se lhe refere, não mostra grande simpatia pela sua figura, o que é talvez ideologicamente compreensível.

GALENO DE PÉRGAMO (129-179): Filósofo peripatético, contemporâneo de Alexandre de Afrodísias no Liceu, embora mais velho, notabilizou-se pelos estudos de lógica e sobretudo de medicina, em que pode ser considerado o segundo fundador da medicina hipocrática no Ocidente e a figura mais influente na história desta ciência até praticamente aos nossos dias. As suas numerosas obras contêm alguns testemunhos importantes sobre a vida e a obra de Aristóteles, bem como de outros filósofos.

GÓRGIAS DE LEONTINOS (c. 485-380 a.C.): Célebre orador grego, originário da Sicília, foi uma das figuras mais relevantes da sofística na época de Sócrates. Discípulo de Empédocles e mestre de Isócrates, dedicou-se ao ensino da retórica, disciplina que decisivamente influenciou. Do ponto de vista filosófico, o seu pensamento tipifica as duas principais tendências da sofística, o relativismo (nele particularmente patente pelo primado atribuído à verosimilhança sobre a verdade) e o seu corolário, o cepticismo, que implicitamente estabelece no seu *Tratado do Não-Ser*. Platão refere-se-lhe inúmeras vezes e é o seu magistério que especialmente visa quando caricatura ou condena os sofistas.

GREGÓRIO DE NAZIANZO (c. 329-390): São Gregório, filho do bispo de Nazianzo, onde nasceu, foi bispo de Constantinopla e um dos três padres capadócius que empunharam a defesa da teologia ortodoxa contra o arianismo no período entre os concílios ecuménicos de Niceia (325) e de Constantinopla (381). Neste último, em que participou e a que temporariamente presidiu, na qualidade de Patriarca, contribuiu para a definição do símbolo de Niceia, cuja doutrina havia, de resto, ajudado a formar. Curiosamente, parece que terá sido professor, em Atenas, do futuro imperador Juliano, o apóstata. Nos seus sermões, são preservadas algumas informações relevantes sobre autores antigos.

H

HADES (mit.): Tradicionalmente, entre os gregos, o local para onde vão as almas dos mortos e simultaneamente o deus que a elas preside. Platão introduz uma decisiva alteração na valoração de ambos, retirando-lhes, como o *Fédon* especialmente atesta, a coloração negativa e tenebrosa que culturalmente possuíam.

HÉCATO DE RODES (séc. II-I a.C.): Filósofo estóico, foi discípulo de Panécio, cujo ecletismo terá assimilado. Escreveu diversas obras, conhecidas por Cícero e Séneca, sobretudo sobre temas éticos, interessando-se, neste domínio, por questões de casuística e de ética aplicada, mas os textos não chegaram até nós.

HEGÉSIAS DE CIRENE (sécs. IV-III a.C.): Filósofo cirenaico contemporâneo de Epicuro, desenvolveu o ensinamento da escola num sentido acentuadamente pessimista, o que é bem evidenciado pelo epíteto que lhe foi atribuído de “instigador da morte”.

HEGESINO DE PÉRGAMO (sécs. III-II a.C.): Filósofo académico, nada se sabe sobre ele, para além de ter sido o último escolarca da Academia Média.

HÉGEAS (séc. V-VI): Filósofo neoplatónico, discípulo de Proclo, parece ter liderado dentro da escola de Atenas uma facção oposta aos escolarcas seguintes, Marino e Isidoro, com a qual Damásio, o último director da Academia, não simpatizava grandemente, a crer nas palavras que lhe dedica na biografia deste último. Poderá dar-se o caso de ter sido ele próprio escolarca da Academia num período intermédio entre Isidoro, que se retirou voluntariamente do cargo, e Damásio.

HELIODORO (séc. V): Filósofo neoplatónico da escola de Alexandria, filho de Hermias e Edésia e irmão de Amónio, não atingiu o nível de nenhum deles, de acordo com o testemunho de Damásio, que foi seu estudante.

HELVÍDIO PRISCO (séc. I): Estadista romano, genro de Trásea Peto, pertenceu, tal como ele, ao círculo estóico. Partidário destacado do regresso à República, conseguiu passar incólume por diversos reinados, ocupando inclusive, nalguns deles, importantes cargos públicos, vindo, contudo, a ser condenado à morte por Vespasiano.

HERACLIDES PÔNTICO (c. 390-310 a.C.): Filósofo grego, foi, com Espeusipo, Xenócrates e Aristóteles, um dos mais importantes discípulos de Platão. Terá ingressado na Academia por volta de 365 a.C., vindo, segundo a tradição, a assumir transitoriamente a direcção da escola aquando da terceira visita a Siracusa, viagem que Espeusipo e Xenócrates acompanharam. Abandonou a Academia após a morte de Espeusipo (339 a.C.), ao que parece por não ter sido eleito para lhe suceder, fundando então uma escola na sua pátria, Heracleia, no Ponto. A sua filosofia, expressa em mais de quarenta diálogos que se perderam, abordaria especialmente a cosmologia, a psicologia e a teologia, embora sem grande originalidade.

HERÁCLIO (séc. IV): Filósofo cínico tardio, atraíu o desagrado do imperador Juliano, que o tomou como contra-exemplo do que deveria ser o sábio cínico, por oposição às grandes figuras da escola nos tempos de Antístenes, Diógenes ou Crates.

HERACLITO DE ÉFESO (c. 544-480 a.C.): Um dos maiores filósofos pré-socráticos, natural da Jónia, distingue-se desde logo pela proverbial obscuridade do seu pensamento, pelo estilo oracular e incisivo das máximas em que o expressa e pelo carácter iconoclastico e provocatório das suas asserções. Na sua filosofia, avulta a atenção ao devir entendido como tensão e unidade de contrários, constituindo-se como uma exortação para que o homem aceda ao que há de comum e permanente nesse processo, plano que designou obliquamente pela expressão λόγος. Historicamente, o seu pensamento foi acolhido em especial pela primeira vertente apontada, razão pela qual se lhe atribuiu uma ontognosiologia de cariz mobilista e relativista, que é precisamente aquela à luz da qual Platão invariavelmente o menciona, nomeadamente no *Crátilo* e no *Teeteto*.

HERILO DE CARTAGO (séc. III a.C.): Filósofo estóico, discípulo de Zenão, afastou-se, contudo, do fundador, ao perfilhar uma concepção intelectualista, mais próxima de Sócrates e de Platão, de acordo com a qual a finalidade da existência humana reside no saber.

HERMÁGORAS DE ANFÍPOLIS (séc. III a.C.): Filósofo estóico do tempo do rei Antígono Gónatas da Macedónia, a cuja corte pertenceu. Atribuem-se-lhe diversos diálogos, que se perderam.

HERMARCO (c. 325-250 a.C.): Filósofo epicurista da primeira geração, veio a herdar a propriedade onde funcionava a escola, tornando-se o segundo escolarca do Jardim. Sabe-se que terá escrito diversas obras, nomeadamente contra Platão e Aristóteles, mas nenhuma delas resistiu à prova do tempo.

HERMIAS DE ALEXANDRIA (c. 410-450): Discípulo de Siriano e colega de Proclo, estabeleceu-se em Alexandria, onde fundou a mais influente escola neoplatônica de comentário de Aristóteles, conhecida sobretudo pelo trabalho desenvolvido por seu filho Amônio e seus continuadores. Do seu punho, conhece-se um comentário ao *Fedro* de Platão, que ainda subsiste.

HERMIAS DE ATARNEU (séc. IV a.C.): Governante de Asso e Atarneu, na Ásia Menor, sucedeu a Eubulo (451 a.C.), de quem terá sido escravo (a tradição desfavorável dava-o mesmo como eunuco). Durante o seu governo foi aconselhado por dois discípulos de Platão, Corisco e Erasto, como a *Carta VI*, que aquele lhes endereça, testemunha. Mais tarde, recebeu Aristóteles e Xenócrates, estabelecendo com aqueles relações de parentesco. Exerceu o poder durante cerca de dez anos, altura em que foi deposto e condenado à morte pelo rei Artaxerxes III da Pérsia.

HERMINO (séc. II): Autor peripatético, foi mestre de Alexandre de Afrodísias. Apesar de não lhe ser atribuído nenhum comentário a obras de Aristóteles, os seus pontos de vista são frequentemente citados pelos autores posteriores.

HERMIPO DE ESMIRNA (séc. III a.C.): Bibliotecário de Alexandria pertencente ao círculo peripatético, compôs a mais antiga biografia de Aristóteles conhecida. Esta foi preservada, pelo menos em parte, pelas notícias de Diógenes Laércio e de Hesíquio de Mileto. Poderá também dever-se-lhe o catálogo peripatético das obras de Aristóteles que chegou aos nossos dias através das duas versões preservadas por estes dois autores.

HERMOTIMO DE CLAZÓMENAS (séc. VI a.C.): Filósofo grego, talvez pitagórico (mas a atribuição é tardia e pouco verosímil, tendo em atenção a sua origem geográfica), parece ter sido o primeiro a postular uma força inteligente ($\nu\omicron\upsilon\varsigma$) como causa da mudança e do movimento, assim antecipando o seu conterrâneo Anaxágoras.

HERÓDOTO (c. 484-424 a.C.): O primeiro dos grandes historiadores gregos, era originário de Halicarnasso, na Jónia, de onde terá passado para Samos e depois para Atenas, onde se fixou, vindo a morrer em Turi, colónia ateniense estabelecida por Péricles no sul de Itália. Escreveu uma monumental história das Guerras Pérsicas, onde o seu espírito de observação e a sua capacidade para coligir informações se evidencia, contribuindo para o conhecimento do império medo, bem como das civilizações orientais vizinhas ou a ele subordinadas, e para a reconstituição da colonização grega na Ásia Menor.

HERÓFILO DE CALCEDÓNIA (c. 335-280 a.C.): Médico grego, considera-se que terá sido o primeiro investigador a proceder a dissecções de cadáveres humanos, assim imprimindo um grande desenvolvimento ao campo da anatomia humana. Fundou, com Erasítrato de Cós, a escola de anatomia de Alexandria, onde estes estudos foram, durante um curto período, sistematicamente conduzidos.

HESÍQUIO DE MILETO (séc. VI): Biógrafo e cronista grego, desenvolveu a sua actividade em Constantinopla, durante o reinado de Justiniano. Atribui-se-lhe um compêndio de história e um dicionário biográfico, ambos perdidos, embora este último sobreviva nos verbetes da Suda, que parecem ter sido retirados, pelo menos em parte, da *Nomenclatura* de Hesíquio. Sucede assim, em particular, com a notícia sobre Aristóteles, que se pensa ser reproduzida da biografia hesiquiana. Contudo, o contributo mais relevante deste autor é a inclusão de uma versão do catálogo antigo das obras de Aristóteles (ausente da Suda, mas editada por Gilles Ménage em 1663), tanto mais importante quanto não confere inteiramente nem com a de Diógenes, nem com a de Ptolemeu.

HÍCETAS DE SIRACUSA (c. 400- 335 a.C.): Filósofo pitagórico, terá sido, com o seu companheiro Ecfanto, um dos defensores da teoria heliocêntrica, embora, tal como no caso deste, esteja por decidir se terá sido um personagem real ou uma criação literária de Heraclides Pôntico, que, nos seus diálogos, propunha doutrinas análogas.

HIÉROCLES (séc. II): Filósofo estóico, escreveu um tratado sobre *Elementos de Ética*, que se baseia na noção de autoconsciência como faculdade essencial de todos os animais. Através de Estobeu, conhecemos também a sua posição acerca do cosmopolitismo, mas esta apenas através de citações fragmentárias.

HIÉROCLES DE ALEXANDRIA (séc. V): Filósofo neoplatónico, foi discípulo de Plutarco de Atenas. Só subsiste um comentário seu aos *Versos Dourados* de Pitágoras, que veio a ser extremamente apreciado na Idade Média e no Renascimento, embora outras obras lhe tenham sido atribuídas.

HIPARQUÍA DE MARONEIA (séc. IV a.C.): Filósofa cínica, irmã de Métrocles de Maroneia e mulher de Crates de Tebas, partilhou as opções e o destino deste, em condição de absoluta igualdade com o marido, como era apanágio da escola.

HÍPASO DE METAPONTO (sécs. VI-V a.C.): Filósofo pitagórico, atribui-se-lhe a descoberta dos números irracionais. Os autores antigos creditavam-no igualmente com diversas teses ligadas ao legado histórico do pitagorismo, como a de que o fogo é o primeiro princípio de todas as coisas, etc.

HIPÁTIA DE ALEXANDRIA (c. 350-415): Matemática, astrónoma e filósofa de enorme renome no seu tempo, tornou-se, a partir do início do século V, o centro polarizador de uma escola neoplatónica em Alexandria. Parte não menor na sua celebridade deve-se ao modo como morreu, às mãos de um grupo de monges cristãos enraivecidos, que a assassinaram brutalmente.

HÍPIAS DE ÉLIS (sécs. V-IV a.C.): Sofista grego, contemporâneo, provavelmente mais novo, de Sócrates, intervém no Protágoras de Platão e é mais longamente retratado nos dois diálogos deste filósofo que têm o seu nome. Por eles ficamos a conhecer o carácter multifacetado da sua actividade e o saber enciclopédico de que se arrogava. Como os demais sofistas, foi predominantemente um professor, tendo deixado uma vasta obra, que se perdeu.

HIPÓCRATES DE CÓS (c. 460-370 a.C.) – Figura maior da medicina grega, pertencia a uma das mais importantes tradições médicas da Antiguidade, cuja influência veio a determinar de forma decisiva. Sabe-se surpreendentemente pouco da sua vida, embora a extensa obra, teórica e prática, que ele e a sua escola construíram (70 tratados reunidos no *corpus hippocraticum*) sobreviva quase integralmente. Entre outros escritos de grande relevância legados pela escola, conta-se o famoso “Juramento Hipocrático” (apenas um entre os diversos códigos de deontologia presentes na colecção), que ainda hoje em dia inspira o acto formal de adesão dos novos clínicos à comunidade médica nos diferentes países do Ocidente.

HIPÓCRATES DE QUÍO (c. 470-410 a.C.): Foi um dos maiores matemáticos gregos de todos os tempos, parte de cujas descobertas no domínio da geometria sobrevivem na genial sistematização que Euclides produziu um século mais tarde.

HIPÓLITO DE ROMA (c. 170-236): Teólogo romano, procurou demonstrar na sua *Refutação de Todas as Heresias* que estas não são mais do que a revivescência de doutrinas pagãs, preconceito graças ao qual o conhecimento lhe ficou a dever a preservação de numerosas e extensas citações de autores antigos, de outro modo perdidos.

HÍPON DE SAMOS (fl. c. 450 a.C.): Monista tardio, considerado consensualmente pelos autores posteriores, designadamente Aristóteles, como pouco mais do que insignificante, atribui-se-lhe a recuperação da doutrina de Tales segundo a qual a água seria a origem de todas as coisas.

HOMERO: Autor, ou compilador, da *Iliada* e da *Odisseia*, obras fundadoras da cultura grega e repositório fundamental da sua tradição, por onde durante muitos séculos os gregos adquiriam o essencial da sua formação. A data em que viveu é desconhecida, embora não seja certamente posterior ao século IX a.C.

HUNAYN IBN ISHAQ (m° 873): Principal figura da escola de tradutores cristãos de língua siríaca que, sob o domínio dos califas abássidas de Bagdade, empreendeu a tradução sistemática, em regra do grego para o siríaco e deste para o árabe, mas nalguns casos directamente do grego para o árabe, das obras de Aristóteles e de outros pensadores antigos. Terá traduzido para siríaco, entre outros tratados de Aristóteles, as *Categorias* (segundo os antigos biobibliógrafos também para árabe), o *Sobre a Interpretação* e parte dos *Primeiros* e *Segundos Analíticos* (traduções que não se conservam). É possível que tenha sido redigido na sua escola o original da tradução árabe da *Vita* de Ptolemeu, depois transcrita por al-Nadim, seja pelo próprio Hunayn, seja pelo seu filho, também ele brilhante tradutor, uma vez que ambos parecem ter subordinado o programa de traduções à ordem escolar neoplatónica, que começava com a biografia de Aristóteles.

I

ICO DE TARENTO (séc. V a.C.): Atleta olímpico grego, adoptou um método de preparação física inspirada nos princípios pitagóricos (abstenção sexual e regime alimentar rigoroso antes da competição, por exemplo), o que o creditou como o primeiro teorizador da medicina desportiva.

ÍCTIAS (séc. IV a.C.): Filósofo megárico da primeira geração, quase nada se sabe sobre ele, para além de ter sido aluno de Euclides e condiscípulo de Trasímaco de Corinto.

IDOMENEU DE LÂMP SACO (séc. IV-III a.C.): Um dos primeiros epicuristas, foi discípulo directo do fundador, que lhe dirige uma carta, de que subsiste um pequeno fragmento. Escreveu numerosas obras, sobretudo de história, que só muito parcialmente chegaram até nós.

ION DE QUIÓ S (c. 490-420 a.C.): Dramaturgo e poeta lírico grego, contemporâneo dos grandes tragicógrafos, muito pouco subsiste da sua vasta obra. Em filosofia, terá sido membro da escola pitagórica, existindo ainda alguns fragmentos de uma cosmogonia com esta inspiração intitulada *Triagmos* (também conhecida por *Kosmologikos*).

ISHAQ IBN HUNAYN (m^o 910): Filho de Hunayn ibn Ishaq e um dos principais tradutores da sua escola. Completou a tradução dos *Primeiros Analíticos* de grego para siríaco que o pai tinha iniciado, verteu para siríaco o texto dos *Segundos* (ou completou a versão começada por Hunayn ibn Ishaq) e dos *Tópicos*, fornecendo as traduções que terão servido de base às versões árabes de referência destes dois tratados, respectivamente de Abu Bisr Matta e de Yahya ibn Adi. Traduziu ainda do siríaco para árabe, provavelmente a partir das versões siríacas do pai, as *Categorias* e o *Sobre a Interpretação* (tradução que parece ser a preservada nos lemas do *Grande Comentário* de al-Farabi). Uma tradução, não se sabe se para siríaco ou se para árabe, das *Refutações Sofísticas* já estava perdida no tempo de Yahya ibn Adi. Segundo al-Nadim e Averróis, deve-lhe também a tradução de diversos livros da *Metafísica*.

ISIDORO DE ALEXANDRIA (séc. V): Filósofo neoplatónico da escola de Atenas, foi um dos últimos escolarcas da Academia. Foi mestre de Damásio, que lhe sucedeu na chefia da escola (de acordo com outras versões, uma facção adversária de ambos impôs Hégeas como escolarca num período intermédio entre os dois).

ISÓCRATES DE ATENAS (436-338 a.C.): Figura proeminente da cultura grega, com uma longevidade fora do vulgar, distinguiu-se como escritor, pedagogo, teórico e professor de retórica. Partidário da união das cidades gregas sob uma autoridade forte, foi levado a favorecer o poder da Macedónia. Diz-se que terá alimentado a ilusão de poder exercer as funções de perceptor de Alexandre, ou então de influenciar a escolha, fazendo-a pender para um membro do seu círculo (menciona-se, em particular, Teopompo de Quío, Isócrates de Apolónia e Antípatro de Magnésia). Foi no interior da sua escola que surgiram as manifestações mais precoces de anti-aristotelismo, proconizadas pelo seu discípulo Cefisodoro e inspiradas sobretudo por rivalidades de escola (Aristóteles era ainda membro da Academia) e por distintas concepções da retórica e do seu ensino.

J

JÂMBLICO (c. 240-325): Grande vulto do neoplatonismo, nasceu em Cálcis (hoje Quinnasrin, na Síria: não confundir com a cidade homónima da Eubeia), de origem assíria, e foi discípulo de Porfírio. Fundou, em Apameia, a escola síria, que conferiu à filosofia neoplatónica um sentido mais teológico, com grande influência no pensamento posterior, designadamente em Proclo. Com o seu magistério, condicionou fortemente o modo de interpretar a obra e o pensamento de Platão dentro do neoplatonismo. Escreveu também uma importante obra sobre a filosofia pitagórica e comentários a diversos tratados de Aristóteles, hoje perdidos.

JARDIM: Nome por que se tornou conhecida a escola de Epicuro, em virtude de este a haver sediado numa casa com um grande jardim adquirida para o efeito em 307/06 a.C. a meio-caminho entre o Pórtico e a Academia.

JASÃO DE NISA (séc. I a.C.): Filósofo estóico, era neto de Possidónio de Apameia, de quem parece ter sido discípulo e continuador à frente da escola de Rodes. Atribui-se-lhe uma *Sucessão dos Filósofos*, além de outras obras biográficas e históricas, que não sobreviveram.

JERÓNIMO DE RODES (séc. III a.C.): Escritor peripatético do tempo de Lícon e de Aríston, compilou uma obra hipomnemática muito ao gosto do helenismo, em que os doxógrafos posteriores se inspiraram abundantemente.

JOÃO ESTOBEU (fl. c. 500): Escritor grego, originário de Estobos, na Macedónia. A vasta e rica colectânea de autores antigos que publicou, dividida posteriormente em dois livros, *Éclogas* e *Florilégio*, contém fragmentos de mais de quinhentos poetas e prosadores antigos, alguns dos quais preservam testemunhos importantes.

JOÃO FILÓPONO (c. 490-575): Escritor cristão, discípulo de Amónio e membro da escola neoplatónica alexandrina, compôs diversos comentários de Aristóteles. Segundo Westerink, os oito comentários de Filópono são, com algumas adições pessoais, meras recolhas de notas das aulas de Amónio, que seria assim o seu verdadeiro autor, opinião que não parece ter tido valimento.

JONAS, O MONGE (Yunan al-Rahib): Autor desconhecido a quem ibn Suwar atribui uma tradução síriaca das *Categorias* de Aristóteles, porventura correspondente à versão anónima conservada.

JÓNICOS: A primeira das escolas pré-socráticas, agrupa quatro filósofos, todos originários da Jónia: Tales, Anaximandro e Anaxímenes de Mileto e, mais tardiamente e já em distinto registo filosófico, Heraclito de Éfeso. Segundo Aristóteles e a tradição doxográfica que nele se inspirou, o seu pensamento terá sido predominantemente cosmológico, visando a determinação do primeiro princípio e elemento constitutivo de toda a realidade, descrição que, no entanto, parece quadrar-se melhor à pesquisa dos três autores de Mileto do que à actividade especulativa de Heraclito.

JORGE DAS NAÇÕES ÁRABES (m° 724): Bispo das Nações Árabes, é decerto a figura mais eminente da cultura siríaca da época e, nela, da escola de Qennesrin. Traduziu e comentou os três primeiros tratados do *Organon* aristotélico e parece que terá vertido para siríaco o texto das *Refutações Sofísticas*.

JULIANO, O APÓSTATA (331-363): Flávio Cláudio Juliano, último imperador romano da dinastia constantina, ficou conhecido como “o apóstata” por ter abjurado do cristianismo em favor de um regresso ao paganismo, em que tentou envolver o próprio império durante o curto período do seu reinado (361-363), restaurando legalmente a liberdade religiosa e, ao mesmo tempo, favorecendo as antigas crenças e práticas cultuais de Roma. Discípulo do filósofo neoplatónico Máximo de Éfeso e, por ele, do pensamento de Jâmblico, foi também nesta escola que militou, tendo-se dedicado sobretudo à numerologia e à teurgia e deixado alguma obra de natureza apologética.

JÚLIO CANO (séc. I): Filósofo estóico, foi condenado à morte pelo imperador Calígula, aparentemente por o ter vencido num debate. O episódio é narrado, laudatoriamente, no diálogo *Sobre a Tranquilidade da Alma* de Séneca.

JÚNIO RÚSTICO (c. 100-170): Quinto Júnio Rústico, neto de Aruleno, foi um filósofo estóico e professor do imperador Marco Aurélio, que se lhe refere com grande apreço, confidenciando, entre outros aspectos, ter ficado a dever-lhe o conhecimento da obra de Epicteto. Na vida pública, exerceu diversas magistraturas, designadamente o cargo de cônsul. Foi durante o seu mandato como prefeito que São Justino Mártir foi condenado à morte e executado.

L

LACIDES DE CIRENE (séc. III a.C.): Filósofo académico, sucedeu a Arcesilau como chefe da escola em 241 a.C. Ao contrário do habitual, não exerceu o cargo até à morte, em virtude de ter ficado incapacitado (215 a.C.), o que determinou a sua substituição por uma espécie de “regência” constituída por Evandro e Técleles, que vieram de facto a suceder-lhe após a sua morte, ocorrida em 205 a.C. Nada subsiste da sua obra, embora se considere que terá prosseguido a linha céptica encetada pelo seu antecessor.

LASO DE HERMÍONE (séc. VI a.C.): Poeta lírico grego, viveu em Atenas durante os governos de Pesístrato e Hípias. Numa lista, aparece associado aos Sete Sábios da Grécia.

LASTÉNIA DE MANTINEIA (séc. IV a.C.): Com Axiótea de Fliunte, foi uma das duas únicas mulheres a frequentar a Academia (embora disfarçada de rapaz, segundo esclarece a tradição), primeiro sob Platão e depois sob Espeusipo, de quem se diz ter sido amante.

LEÔN CIA (sécs. IV-III a.C.): Filósofa epicurista, era companheira de Metrodoro de Lâmpsaco, o mais antigo e fiel companheiro de Epicuro. Atribui-se-lhe a autoria de textos críticos e polémicos contra o Perípato e, em particular, contra Teofrasto.

LEONTEU DE LÂMP SACO (séc. III a.C.): Filósofo epicurista, foi discípulo directo do mestre, juntamente com a sua mulher, a também filósofa Temista. Quase nada se sabe sobre o seu pensamento e a sua obra, embora os autores mais antigos se lhe refiram sempre com manifesto respeito.

LEUCIPO DE MILETO (n.º c. 480/475): Quase nada se sabe sobre este filósofo, para além de que terá sido o fundador do atomismo. Alguns doxógrafos antigos davam-no como tendo pertencido inicialmente à escola eleática (há mesmo uma tradição segundo a qual seria natural de Eleia), onde teria sido discípulo de Zenão.

LICEU: Gigantesco passeio público, ou “ginásio”,⁵ dedicado a Apolo,⁶ situado fora de portas a leste de Atenas, onde, pelo menos desde os tempos de Sócrates e dos sofistas, os filósofos e intelectuais atenienses costumavam reunir-se. Platão e Aristóteles referem-se-lhe frequentemente, pelo que

⁵ Os “ginásios” de Atenas eram, verdadeiramente, grandes passeios públicos fortemente arborizados e rodeados de imóveis de vária natureza, nomeadamente templos, estátuas, edifícios habitacionais e instalações desportivas propriamente ditas.

⁶ O Apolo *Liceu* que aí se comemorava deve o epíteto a uma de três origens possíveis, a que correspondem três distintos sentidos da designação: lupino, ou caçador dos lobos, proveniente de λύκος (“lobo”); liciano, ou deus da Lícia, província da Ásia Menor, retirado do toponímico Λυκία; ou ainda luminoso, se derivar da forma conjectural *λύκη, “luz”.

sabemos do apreço muito particular que Sócrates votava a este espaço. Foi aí que, uma vez regressado a Atenas, em 335 a.C., Aristóteles começou também a ensinar. É hoje relativamente pacífico que o Estagirita não fundou propriamente uma escola no Liceu, nem isso lhe era permitido pela sua condição de estrangeiro. O que terá feito foi animar um círculo de investigadores motivados por interesses comuns, entretidos em indagações idênticas, cruzadas ou paralelas e relacionados pela permuta recíproca de experiências, ideias e conclusões, que aí se reuniam para apreciar e discutir os resultados das suas pesquisas, ou porventura também para escutar as exposições dos mais velhos e mais reputados, de acordo com um regime, uma regularidade e uma rotina que só muito tentativamente podemos hoje suspeitar. Verdadeiramente, só a partir de Teofrasto é estabelecida a tradição institucional do Liceu como estabelecimento de ensino e sucessão material e espiritual, bem como a linhagem dos escolarcas que asseguraram ambos.

LÍCON DE ATENAS: Orador menor, de vida e obra praticamente desconhecida, a que a *Apologia* alarga a responsabilidade pela acusação que Meleto formalizou contra Sócrates (23e-24a).

LÍCON DE TRÓADE (c. 299-225 a.C.): Filósofo aristotélico, sucedeu a Estratão como escolarca do Liceu, cargo em que parece ter contribuído para acentuar a tendência de declínio e apagamento da tradição peripatética de Aristóteles e Teofrasto.

LÍSIS DE TARAS (sécs. VI-V a.C.): Filósofo pitagórico, diz-se ter sido discípulo do próprio fundador. Após a expulsão de Pitágoras de Crotona, parece ter-se fixado em Tebas, onde exerceu magistério.

LONGINO (c. 213-273): Cássio Longino, natural de Emesa (Síria), foi um filósofo platónico da época da segunda sofística. Parece ter estudado em Alexandria com Orígenes, o pagão, e Amónio Sacas (mestre de Plotino), após o que se dedicou ao ensino na Academia, onde foi professor de Porfírio. Tendo-se mantido livre da influência neoplatónica emergente, pode ser considerado uma das últimas figuras do platonismo médio. Foi condenado à morte pelo imperador Aureliano, em virtude da sua ligação à rainha Zenóbia de Palmira, então em conflito com Roma.

LUCIANO (c. 120-200 a.C.): Notável escritor grego da época da segunda sofística, nasceu em Samósatos, na Síria. Autor de numerosos escritos, nomeadamente diálogos, alguns com referência a Aristóteles, encontramos nele uma das primeiras referências à doutrina aristotélica “esotérica” constante nos tratados escolares, por oposição à doutrina exotérica dos diálogos, que será acolhida com entusiasmo pelo neoplatonismo da escola de Amónio.

LÚCIO ANEU CORNUTO (c. 20- 70): Filósofo estóico dos tempos de Nero, natural de Léptis Magna (Líbia), radicou-se em Roma, instalando uma escola na sua própria casa, até ter sido banido da cidade pelo imperador. Conhecem-se-lhe diversas obras filosóficas, hoje perdidas, designadamente de retórica e um comentário (crítico) às *Categorias* de Aristóteles. O seu trabalho mais importante foi, contudo, o compêndio de teologia grega (*Theologiae Graecae compendium*), que pretendia sistematizar a mitologia helénica a partir de uma análise etimológica dos nomes dos deuses, o qual denota uma fortíssima influência da física estóica. Distinguiu-se também como orador e como poeta trágico.

LUCRÉCIO (c. 99-55 a.C.): Tito Lucrécio Caro, poeta e filósofo epicurista romano, pouco se conhece da sua vida, salvo que empreendeu com sucesso a tarefa de sistematizar a física epicurista num poema filosófico em seis volumes, o qual se tornou a partir daí a maior fonte de conhecimento e de inspiração da escola. Foi ele um dos primeiros autores epicuristas a escrever em latim.

M

MACRÓBIO (sécs. IV-V): Ambrósio Teodósio Macróbio, considerado um dos últimos escritores pagãos de Roma, foi um gramático e filósofo neoplatónico. A sua obra mais relevante, que tem por título *Saturnalia*, é um diálogo onde se apresentam curiosidades de variada ordem, ainda ao gosto helenístico.

MARCO AURÉLIO (121-180): Imperador e filósofo romano, de obediência estoica, condensou no pequeno volume dos seus *Pensamentos*, escrito durante as campanhas militares levadas a cabo na década de 70, um sistema moral que se tornou extremamente influente e de onde não estão também ausentes algumas referências à especulação precedente.

MARINO (séc. V): Filósofo neoplatónico originário da Palestina, radicou-se em Atenas. Tendo ingressado na Academia no tempo de Proclo, veio a suceder-lhe como escolarca em 485. Escreveu uma *Vida de Proclo* e diversos comentários a obras de Platão e Aristóteles, que se perderam.

MÁXIMO DE ÉFESO (séc. IV): Filósofo neoplatónico da escola de Jâmblico, parece ter sido responsável por inspirar Juliano, o apóstata, na restauração do paganismo. Caído em desgraça com a morte deste, foi preso e, mais tarde, condenado à morte pelo imperador Valente.

MÁXIMO DE TIRO (séc. II): Orador e filósofo eclético grego, pertenceu à Academia sob a influência do platonismo médio, que absorveu. Subsistem do seu punho algumas dezenas de discursos e ensaios, predominantemente de natureza teológica e moral, que contêm diversas alusões a filósofos mais antigos.

MEGÁRICOS: Os megáricos foram um escola socrática “menor”, fundada por Euclides de Mégara. Aliando o ensinamento socrático a uma ontologia e a uma lógica de raiz eleática, o pensamento megárico vai acentuar a vertente intelectualista de ambos, negando toda a validade ao conhecimento sensível, e prolongar o monismo característico desta última, aplicando-o nomeadamente à caracterização dos universais visados pela definição socrática e, em particular, ao bem, que identificavam com o ser. Destas duas vertentes da sua filosofia decorre a absoluta exclusão da multiplicidade e do devir, que os megáricos procuravam demonstrar, na esteira de Zenão de Eleia, por redução ao absurdo, procedimento em que se notabilizaram Eubúlides de Mileto, Diodoro Crono e Estílpon de Mégara (todos do séc. IV a.C.), aos quais se deve a formulação dos célebres paradoxos que celebrizaram a escola.

MELETO: Poeta ateniense de fraca nomeada, é referido no *Éutifron* e na *Apologia* como o acusador formal de Sócrates. Nesta última, intervém em breve diálogo com Sócrates (24c-28a).

MELISSO DE SAMOS (séc. V a.C.): Filósofo grego, foi um dos mais notáveis expoentes da escola eleática, explicitando e prolongando a doutrina de Parménides. As referências de Platão (*Teeteto*, 180e, 183e-184a) evidenciam a admiração que lhe votava.

MENEDEMO (séc. III a.C.): Filósofo cínico, diz-se que terá sido discípulo do epicurista Colotes de Lâmpsaco. A tradição atribui-lhe os hábitos mais extravagantes, nomeadamente o de se mascarar de Fúria, ameaçando arrastar para o Hades os culpados de má conduta.

MENEDEMO DE ERITREIA (c. 350-275 a.C.): Filósofo socrático, discípulo de Estílpon de Mégara e de Fédon de Élis, transferiu para a sua cidade, na Eubéia, a escola deste último, tornando-se assim no fundador da escola eritreia, de cujas doutrinas praticamente nada se sabe, embora pareçam ter sido uma mera adaptação das megáricas.

MENEDEMO DE PIRRA (séc. IV a.C.): Membro da Academia platónica sob Espeusipo, não conseguiu, tal como Heraclides Pôntico, ser eleito para o substituir aquando da sua morte, em 399 a.C., motivo pelo qual abandonou a escola e fundou uma própria.

MENIPO DE GADARA (séc. III a.C.): Membro da escola cínica, distinguiu-se sobretudo como escritor satírico. As suas obras, que se perderam, parecem ter visado em especial os estóicos e os epicuristas, cujas teses procurava ridicularizar.

MÉNON (sécs. IV-III a.C.): Membro da escola peripatética no tempo de Aristóteles, diz-se que terá sido, por expressa encomenda deste, o primeiro historiador da medicina.

MÉSON DE CENE (séc. VII-VI a.C.): Um dos Sete Sábios da Grécia, de acordo com Platão e outras autoridades. Diz-se que era agricultor e que morreu com muita idade, perto dos 100 anos.

MÉTROCLES DE MARONEIA (séc. IV a.C.); Filósofo cínico, começou por frequentar a Academia de Xenócrates e o Perípatos de Teofrasto, após o que se ligou com Crates de Tebas, que veio a casar com a sua irmã Hiparquía. Celebrizou-se como autor de anedotas pedagógicas de intenção moral, género literário que se generalizará na escola, mas praticamente nada subsiste das suas obras.

METRODORO DE CÓS (séc. V a.C.): Médico e filósofo pitagórico, era filho de Epicarmo, sobre cuja obra escreveu um livro.

METRODORO DE LÂMPSCACO, O VELHO (séc. V a.C.): Filósofo pré-socrático (dito “o velho” para o distinguir do epicurista homónimo), foi contemporâneo de Anaxágoras. Evidenciou-se sobretudo como exegeta da obra homérica, tendo desenvolvido um método próprio, baseado na interpretação alegórica das divindades e forças sobrenaturais como personificação de fenómenos naturais. O filósofo cirenaico Eumero prolongará esta senda.

METRODORO DE LÂMPSCACO, O JOVEM (c. 331-278 a.C.): Filósofo epicurista da primeira geração e companheiro do fundador até ao final da sua actividade, atribui-se-lhe a responsabilidade pelas críticas mais verrinosas dirigidas pela escola à figura de Aristóteles e ao círculo peripatético, assim nutrindo um dos ramos mais tenazes e persistentes da tradição hostil ao Estagirita.

METRODORO DE QUÍOS (sécs. V-IV a.C.): Filósofo atomista, discípulo de Demócrito (alguns dizem que também filho), parece ter desenvolvido ideias próprias em cosmologia, que podem ter influenciado Epicuro. Em epistemologia, a crer em Cícero, foi um precursor do cepticismo.

MIGUEL DE ÉFESO (fl. c. 1130): O mais influente autor da tradição peripatética bizantina, foi arcebispo de Éfeso e membro da Academia de Constantinopla. Dedicou-se especialmente ao comentário das obras biológicas de Aristóteles, embora tenha também escrito um comentário às *Refutações Sofísticas* e colaborado no comentário conjunto à *Ética a Nicómaco*.

MIÁ (sécs. VI-V a.C.): Filósofa pitagórica, foi considerada uma das filhas de Pitágoras e Teano. Foi casada com o atleta Mílon de Crotona, também pertencente ao círculo pitagórico, distinguindo-se na Antiguidade sobretudo pela sua fama de irrepreensível piedade religiosa.

MÍLIAS DE CROTONA (séc. IV a.C.): Membro da escola pitagórica, casado com Tímica de Esparta, de quem a tradição conserva uma história de resistência lendária ao tirano Dionísio I de Siracusa, em nome da fidelidade aos princípios da seita.

MÍLON DE CROTONA (séc. VI a.C.): Atleta itálico de grande nomeada, na modalidade de luta greco-romana, venceu sucessivos troféus nos Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeios, a que se adicionou a vitória em cinco ciclos destes quatro festivais, o que o tornou numa figura lendária do desporto helénico, revestida de uma aura mítica, em que se torna difícil dissociar a realidade da ficção. Diz-se que era membro da escola pitagórica e inclusive ter sido casado com a filha de Pitágoras, Miás.

MNESARCO DE ATENAS (c. 160-85 a.C.): Filósofo estóico, estudou com Diógenes de Babilônia e Antípatro de Tarso. É dado como tendo sido professor dos acadêmicos Fílon de Larissa e Antíoco de Ascalão, que, sucessivamente, inverteram a tendência céptica e introduziram o ecletismo de influência estóica na escola platônica.

MODERADO DE GADES (fl. c. 90): Filósofo neopitagórico tardio, a sua importância advém sobretudo da divulgação e defesa das doutrinas da escola que empreendeu (atribuindo-as todas ao fundador) e não de qualquer pensamento original, que, a existir, não resistiu à prova do tempo.

MÓNIMO DE SIRACUSA (séc. IV a.C.): Filósofo cínico, foi discípulo de Diógenes de Sínope. Parece ter acentuado a vertente pessimista ou mesmo nihilista da escola, insistindo que “tudo é vaidade”. Atribuem-se-lhe duas obras, uma das quais constitui uma *Exortação à Filosofia*.

MUBASSIR IBN FATIK (séc. XI): Médico e erudito alexandrino, foi autor do *Selecta da Sabedoria e Belos Ditos*, onde se integra uma das três versões árabes subsistentes da *Vida de Aristóteles* de Ptolemeu.

MUSÓNIO RUFO (c. 25-90): Gaio Musónio Rufo foi um filósofo estóico romano dos tempos de Nero e da dinastia flávia. Foi mestre de Epicteto, com quem partilhava, para além de muitas teses, a virtual redução da filosofia à moral.

N

NEOJÓNICOS: Filósofos pré-socráticos que renovaram a preocupação jónica pela cosmologia no quadro dos problemas levantados pelo pensamento eleático quanto à multiplicidade e o movimento. Destacam-se Empédocles de Agrigento, Anaxágoras de Clazómenas e os atomistas Leucipo de Mileto e Demócrito de Abdera, bem como três figuras menos influentes, Arquelau de Atenas, que terá sido mestre de Sócrates, Diógenes de Apolónia e Hípon de Samos.

NEOPLATONISMO: Corrente filosófica fundada lendariamente por Amónio Sacas, mas criada de facto pelo seu discípulo Plotino. Tem uma longa história na Antiguidade, onde pontificam os nomes de Porfírio, Jámblico e Proclo, mas as suas teses essenciais fixam-se na filosofia do mestre. O neoplatonismo adopta o espírito geral da ontologia platónica, mas confere-lhe uma sistematização mais rígida, acentuando duas tendências originalmente não desenvolvidas: a recondução da pluralidade das essências ou *ideias* a uma unidade suprema (o Uno de Plotino, identificado com o Bem da *República*); e a caracterização dessa unidade como pura transcendência (de acordo também com uma sugestão do mesmo diálogo). Daqui decorre um rigoroso esquema processional, pelo qual do Uno se deduz, por sucessivas “límanações” de decrescente valor ontológico, o conjunto das coisas sensíveis.

NICARETE DE MÉGARA (sécs. IV-III a.C.): Filósofa megárica, diz-se ter sido discípula, e talvez amante, de Estílpon de Mégara.

NICOLAU DE DAMASCO (64 a.C. - c. 14 d.C.): Historiador e erudito grego, pertencente ao círculo peripatético, foi formado na escola de Andronico de Rodes. Além de diversos comentários e obras literárias, escreveu uma história do mundo em 144 volumes, bem como uma autobiografia e um panegírico de Augusto, de quem era íntimo. Os estudos peripatéticos devem-lhe uma série de resultados pioneiros, nomeadamente a fixação do cânone definitivo da *Metafísica* de Aristóteles, pela agregação do livro α aos treze tratados anteriormente reunidos, e a descoberta da autoria da *Metafísica* de Teofrasto, bem como várias iniciativas editoriais no domínio das obras físicas e biológicas de Aristóteles.

NICÓMACO DE GÉRASA (c. 60-120): Famoso matemático grego, de origem síria, dedicou-se sobretudo à harmonia e à aritmética, que pela primeira vez tratou separadamente da geometria. Os neoplatônicos incluíram-no entre os pitagóricos. Subsistem, de sua autoria, uma *Introdução à Aritmética* (que Apuleio traduziu para latim) e de um *Manual de Harmonia*. Outras obras sobre aritmética, geometria e música perderam-se, assim como uma *Vida de Pitágoras* e uma coleção de ditos pitagóricos, entre outros escritos menores.

NIGÍDIO FÍGULO (c. 98-45 a.C.): Públio Nigídio Fígulo foi um político e filósofo romano de tendência eclética, misturando elementos estoicos numa matriz neopitagórica. Contemporâneo e amigo de Cícero, a sua erudição era lendária. No entanto, passou à história sobretudo como adivinho, mago e ocultista. Em filosofia, dedicou-se à filosofia da linguagem, defendendo o carácter natural das palavras (nos *Commentarii grammatici*), à teologia e à interpretação dos sonhos. Nenhuma das suas obras sobreviveu.

NUMÉNIO DE APAMEIA (c. 160-200): Filósofo neopitagórico tardio, foi muito influente na sua época, embora hoje pouco se conheça da sua reflexão própria. Os fragmentos preservados mostram-no, contudo, extremamente marcado pelo pensamento platónico, cuja pureza original, sintónica com e derivada do pitagorismo, pretendia restaurar. Para este efeito, desenvolveu uma crítica impiedosa aos “desvios” verificados ainda na Academia Antiga, sob Espeusipo e Xenócrates, e sobretudo nos períodos cépticos das Academias Média e Nova, cujos erros pretendia expurgar, em nome do “verdadeiro” platonismo histórico. Ao contrário do neopitagorismo precedente, o ecletismo de Numénio reside, pois, na sua inspiração platónica, contra as contaminações estoicas e peripatéticas, que expressamente recusava. Em todo o caso, a influência exercida sobre o neoplatonismo é evidente, tendo sido, ao que parece, particularmente estimado por Amélio.

O

OCELO DE LUCÂNIA (sécs. VI-V a.C.): Filósofo pitagórico, ao que parece discípulo do próprio Pitágoras, atribuem-se-lhe diversas obras, de que apenas subsiste um *Sobre a Natureza do Universo*, escrito em dialecto jónico, mas que é seguramente espúrio e de origem tardo-helenística (existem também fragmentos desta obra, em dórico, nas *Éclogas* de Estobeu).

OLIMPIODORO (séc. V): Filósofo peripatético de Alexandria, foi chamado “o velho” para o distinguir do pensador neoplatónico homónimo. Celebrizou-se como mestre de Proclo.

OLIMPIODORO (c. 505-565): Dito “o jovem” para se diferenciar do anterior, foi um membro eminente da escola neoplatónica de Alexandria, onde estudou com Amónio Hermeu e de que mais tarde veio a tornar-se escolarca. Devem-se-lhe três comentários a Platão (*Alcibiades*, *Górgias* e *Fédon*) e dois a Aristóteles (*Categorias* e *Meteorológicos*), bem como uma biografia de Platão e uns prolegómenos de filosofia aristotélica. Foi um dos últimos representantes pagãos do neoplatonismo e o último da escola de Alexandria.

ORFEU (mit.): Figura mitológica, filho de Calíope e de Peleagro ou Apolo, associado lendariamente à música, pelo poder sobrenatural que lhe assistia de cativar os animais com as suas canções. O mesmo dom permitiu-lhe resgatar sua mulher Eurídice do mundo dos mortos, tendo sido o único homem capaz de entrar e sair de novo do Hades. Este último aspecto estará decerto na base do conjunto doutrinário que, a partir de certa época, passou a reivindicar-se do seu nome.

ORFISMO: Conjunto de doutrinas de teor filosófico e religioso que se generalizaram na Grécia em data indeterminada. Inclui uma cosmogonia, provavelmente muito tardia, e um corpo de crenças morais e escatológicas já conhecidas por este nome no tempo de Platão, onde se destaca a imortalidade da alma e a transmigração. As suas relações com o pitagorismo são óbvias, mas de difícil dilucidação; é igualmente clara a sua influência sobre os cultos místéricos.

ORÍGENES (184-254): Uma das figuras cimeiras da primeira patrística cristã, celebrizou-se pela defesa militante da Igreja martirizada, para a qual toda a cultura pagã, aí incluída a filosofia, deveria ser rejeitada em bloco. Isto não o impediu de legar uma reflexão filosófica própria e de nela incorporar diversos elementos clássicos, designadamente platónicos e estóicos. O resultado foi um sistema

heterodoxo, que aprofunda drasticamente a tendência alegórica do estilo exegético vulgarizado pelo seu mestre Clemente de Alexandria. Na sua obra polêmica e crítica maior, o *Contra Celso*, existem algumas referências importantes aos autores antigos.

ORÍGENES (séc. III): Conhecido como “o pagão” para se distinguir do precedente, foi um filósofo platônico que estudou em Alexandria com Amônio Sacas, nas época de Plotino. Porfírio e Proclo fazem-lhe diversas referências elogiosas. No entanto, parece ter-se mantido dentro da influência do platonismo médio, sem se integrar no círculo neoplatônico emergente a partir do ensinamento do seu célebre condiscípulo.

P

PACÓNIO AGRIPINO (séc. I): Filósofo estóico, foi banido de Itália por Nero na mesma ocasião em que Trásea Peto foi condenado à morte. Epicteto refere-se-lhe elogiosamente.

PÂNCRATES DE ATENAS (séc. II): Filósofo cínico, quase nada se sabe sobre ele, salvo curtas referências anedóticas.

PANÉCIO DE RODES (c. 185-109 a.C.): Figura eminente da escola estóica, foi discípulo de Crates de Malo, Diógenes de Babilónia e Antípatro de Tarso. Foi um dos primeiros responsáveis pela introdução desta corrente filosófica em Roma, onde se havia fixado na maturidade. Regressado a Atenas, tornou-se o sétimo escolarca do Pórtico e o último conhecido em directa sucessão do fundador, tornando-se responsável pela introdução do chamado “estoicismo médio”, com o qual a escola enveredou pelo ecletismo. Possidónio de Apameia, que prosseguiu nesta senda, foi o seu mais afamado discípulo. De entre as obras que nos legou, destaca-se o *Sobre os Deveres*, de filosofia prática, e um manual acerca das *Escolas Filosóficas*, de teor e conteúdo doxográfico, contendo informações importantes, em especial sobre a tradição socrático-platónica, com quem o seu ecletismo era sintónico.

PANTÓIDA (sécs. IV-III a.C.): Filósofo megárico, distinguiu-se sobretudo no domínio da lógica. Polemizou contra Diodoro Crono, cujo argumento soberano contestou, tornando-se, em contrapartida, alvo da crítica de Crísipo. Diz-se ter sido mestre do peripatético Lícon de Tróade.

PAPÍRIO FABIANO (séc. I): Filósofo e orador, foi mestre de Séneca.

PARMÉNIDES DE ELEIA (c. 515-445 a.C.): Um dos mais importantes filósofos pré-socráticos, foi o fundador da escola eleática. Escreveu uma única obra em versos hexâmetros, com uma estrutura triádica: Proémio; Via da Verdade; Via da Opinião. Na Via da Verdade, de que se pensa conhecer a quase totalidade, apresenta-se uma dicotomia entre “o que é e não pode não ser” e “o que não é e é necessário que não seja” e, após excluído este, define-se aquele à luz de uma série de “sinais”, como a sua unidade, identidade, permanência, imutabilidade, ingerabilidade e imperecibilidade. O seu pensamento exerceu profunda e duradoura influência na filosofia posterior, nomeadamente em Platão, que se lhe refere sempre com grande admiração, mesmo quando procede a um exame crítico da sua doutrina (*Sofista*). A sua intervenção no diálogo *Parménides*, adoptando aí a posição de mestre perante Sócrates, constitui uma clara confissão do seu próprio débito em relação ao eleata.

PÁSICLES DE TEBAS (séc. IV a.C.): Irmão do filósofo cínico Crates, optou pela adesão à escola megárica após assistir às lições de Euclides. Diz-se ter sido mestre de Estílpon de Mégara.

PÁTRON (séc. I a.C.): Filósofo epicurista, foi o último escolarca conhecido do Jardim.

PAULO, O PERSA (fl. c. 570): Figura eminente do comentarismo aristotélico do seu tempo, redigiu em persa um comentário ao *Sobre a Interpretação* (que permanece inédito), bem como um epítome de lógica, consagrado especialmente à silogística. Estes textos terão sido traduzidos para siríaco por Severo Sebokht.

PEREGRINO PROTEU (c. 95-165): Filósofo grego, natural de Páριο, foi forçado a fugir para a Palestina, acusado de parricídio, onde começou por aderir ao cristianismo. Forçado de novo a partir e viajando de terra em terra, veio a encontrar o filósofo cínico Agatobulo de Alexandria, que o terá iniciado na filosofia e convertido ao pensamento cínico. É sobretudo conhecido por se haver imolado pelo fogo numa pira funerária nos Jogos Olímpicos celebrados em 165. Aulo Gélío, que foi seu aluno, e o seu companheiro Teágenes de Patras ajudaram a preservar dele uma visão muito positiva, enquanto que Luciano, que assistiu ao suicídio e o narrou numa sátira *De morte Peregrini*, transmite, pelo contrário, uma perspectiva bastante crítica.

PERIANDRO DE CORINTO (séc. VII a.C.): Tirano de Corinto, sucedeu nesta função ao pai, Cípselo, em 627 a.C. Apesar de ter passado à história como um déspota cruel e impiedoso, algumas listagens antigas colocam-no entre os Sete Sábios da Grécia.

PERÍPATO: Há boas razões para suspeitar da explicação, a que Düring chama “etimológica”, da designação que veio a celebrar a escola aristotélica, de acordo com a qual os nomes “perípato” (περίπατος) e “peripatético” (περίπατητικός) proviriam de um alegado costume aristotélico de dar as lições passeando (περιπατεῖν). Com efeito, na origem e durante o período de, pelo menos, cento e poucos anos, o Perípato era simplesmente um vulgar passeio público (é isso apenas que significa περίπατος), no qual Aristóteles, na esteira de muitos mestres antes dele, desenvolveu ensino regular com membros da sua escola. Melhor, o Liceu, local de Atenas que Aristóteles elegeu como ponto de encontro com os seus discípulos, é que ficava num vulgar perípato, ou passeio público (περίπατος), elevado à fama em virtude da ilustração dos que o frequentaram. Foi só a partir de Teofrasto, na sequência, e por causa, da longa permanência e continuidade no mesmo espaço, que os membros da escola passaram a ser apelidados, por antonomásia, οἱ περίπατητικοί, “os peripatéticos”. Nesta

medida, se, de facto, Aristóteles caminhava ou não de um lado para o outro no decurso das suas lições não é verdadeiramente relevante. O que importa é que não foi por causa disso que o Perípatos passou à história como tal. Aliás, o hábito de “peripatetizar”, isto é, de andar de cá para lá durante as aulas, era já atribuído, antes de Aristóteles, a outros professores, nomeadamente a Platão nas lições que dava na Academia.

PIREBATES DE CIRENE (séc. IV a.C.): Filósofo cirenaico, considera-se ter sido discípulo de Epitímedes e mestre de Aniceride.

PÍRRON DE ÉLIS (c. 360-275 a.C.): Filósofo grego, fundador do ceticismo antigo, parece ter chegado à filosofia por intermédio da leitura de Demócrito e da convivência com Bríson, discípulo (e filho?) de Estílpon de Mégara. Acompanhou as tropas de Alexandre na sua expansão para leste, onde parece que terá contactado com as doutrinas e práticas dos magos, na Pérsia, e dos gimnosofistas, na Índia. Regressado à Grécia, estabeleceu-se em Atenas, criando uma escola de cunho eminentemente existencial e prático, fundada na acatalepsia, ou convicção da impossibilidade de alcançar a certeza em qualquer matéria. Nada escreveu, pelo que o seu pensamento só é conhecido através do seu discípulo Tímon e de membros da escola mais tardios.

PISÍSTRATO (séc. VI a.C.): Tirano de Atenas durante um período de quase quarenta anos, duas vezes interrompido pelo exílio, governou continuamente a cidade entre 546 e 527 a.C., data da sua morte. Apesar do exercício ilegal do poder, o seu governo foi unanimemente considerado como pacífico, moderado e tanto quanto possível respeitador das leis atenienses. Talvez por isso, foi acrescentado, nalgumas listagens, ao lote dos Sete Sábios da Grécia. Sucedeu-lhe o filho mais velho, Hípias, que manteve os princípios políticos do pai, enquanto coadjuvado pelo irmão Hiparco, mas degenerou para o exercício arbitrário do poder após o assassinato deste, o que o veio a conduzir à deposição e ao exílio, assim dando involuntariamente lugar à conversão definitiva de Atenas à democracia.

PÍTACO DE MITILENE (c. 640-568 a.C.): Famoso general e estadista grego, foi um dos Sete Sábios da Grécia, de acordo com todas as listagens conhecidas. Algumas das suas sentenças ficaram registadas como parte integrante do património destes pensadores.

PITÁGORAS DE SAMOS (c. 570-495 a.C.): Personagem misteriosa e envolta em ambiente lendário, parece ter sido o fundador da filosofia no Ocidente, ao ter emigrado de Samos, na Jónia, para

Crotona, na Itália. Esta cidade veio a tornar-se um centro filosófico, científico e porventura religioso de grande coesão e influência, reunido em torno da investigação matemática e por um comum interesse na psicologia e na escatologia. De entre as doutrinas que lhe podem ser atribuídas com alguma segurança contam-se as da imortalidade da alma e da transmigração. Uma vez que Pitágoras nada escreveu e a escola a que deu origem primava pelo rigoroso secretismo, tornam-se temerárias outras asserções.

PITAGÓRICOS: Não é possível determinar com precisão a origem desta escola. Certo é que, no tempo de Platão, se encontrava plenamente consolidada uma linha de pensamento caracterizada pelo sincretismo científico-religioso, partilhando uma mesma investigação científica e filosófica e subordinada a um vínculo sectário, alimentado pela obediência a regras de comportamento comuns. A concepção numerológica do universo, a teoria dos opostos e a adesão ao dualismo antropológico e às doutrinas soteriológicas da imortalidade e transmigração das almas parecem ter sido tópicos articuladores axiais desta corrente.

PLATÃO (427-347 a.C.): Filósofo complexo, mas profundamente intuitivo e sintético, destacou-se por uma enorme pujança especulativa e literária, ainda que de produtividade relativamente diminuta por comparação com outros pensadores antigos, como Demócrito ou Aristóteles. Nasceu e morreu em Atenas, onde igualmente fundou a sua escola, a Academia, que veio a ser a mais duradoura das instituições educativas gregas, tendo permanecido ininterruptamente em funções, embora sob perspectivas filosóficas muito diversas, até 529 d.C., data em que foi encerrada por ordem do imperador Justiniano I. O seu encontro com Sócrates, biograficamente determinante, vale sobretudo como chave para a compreensão da sua filosofia. Pode ser considerado o verdadeiro apogeu do pensamento grego clássico.

PLÍNIO, O ANTIGO (32-79): Célebre naturalista romano, escreveu uma monumental *História Natural* em 37 livros, em jeito de enciclopédia especializada. Esta obra contém algumas referências importantes à biografia de Aristóteles, em especial no que se refere às investigações biológicas desenvolvidas durante o período do primeiro exílio.

PLOTINO (204-270): Nasceu no Egipto, estudou em Alexandria com o enigmático Amónio Sacas, dirigindo-se depois para Roma, onde se dedicou ao ensino da filosofia, beneficiando do apoio do

imperador Galiano e de sua mulher. Foi o fundador do neoplatonismo. Amélio e Porfírio foram os seus principais discípulos directos. A sua obra, editada por Porfírio nas *Enéadas*, sobrevive intacta.

PLUTARCO DE ATENAS (c. 350 -430): Filósofo neoplatónico, discípulo de Jâmblico, atribuiu-se-lhe o restabelecimento da escola de Atenas, de que se tornou director. Escreveu comentários ao *Timeu* de Platão e ao *Sobre a Alma* de Aristóteles, num sentido harmonizador entre ambos, como é timbre da escola. Era pai da também filósofa Asclepigénia e foi mestre de Siriano e de Proclo, que lhe vieram a suceder como escolarcas, por esta ordem.

PLUTARCO DE QUERONEIA (45-125): Notável e prolixo historiador e ensaísta grego, foi a figura cimeira do platonismo médio, compartilhando a sua intenção ecléctica e, em particular, a sua tendência para aproximar Platão e Aristóteles. As numerosas obras publicadas, nomeadamente as *Vidas Paralelas* e os diversos diálogos e tratados, fornecem um manancial inesgotável de referências a autores mais antigos, embora nem sempre seja fácil decidir da fidedignidade das informações transmitidas.

PÓLEMON (c. 340-270 a.C.): Discípulo de Xenócrates e seu sucessor à frente da Academia, parece ter-se limitado a ensinar as doutrinas do mestre. Sucedeu-lhe como escolarca Crates de Atenas, o último da Academia Antiga.

PÓLEMON DE ATENAS (séc. II a.C.): Figura grada do estoicismo, foi discípulo de Panécio de Rodes, tendo-se distinguido sobretudo como geógrafo.

POLIENO DE LÂMP SACO (c. 340-278 a.C.): Matemático e filósofo grego, foi um dos mais antigos e leais amigos de Epicuro, a cuja escola aderiu.

POLÍSTRATO (c. 290-219 a.C.): Filósofo epicurista, foi o terceiro escolarca do Jardim, sucedendo a Hermarco por volta de 250 a.C. Subsistem fragmentos de escritos seus na Vila dos Papiros, em Herculano.

PORFÍRIO (232 - c. 309): Natural de Tiro e origem fenícia, foi um dos mais preponderantes filósofos do final da Antiguidade. Discípulo de Longino em Atenas (que lhe atribuiu o cognome “porfírio”, que significa “vestido de púrpura”, alusão à sua ascendência real), foi contudo de Plotino, seu mestre em Roma, que veio a colher mais profunda e duradoura influência, tornando-se um dos primeiros membros do círculo neoplatónico e seguramente o mais decisivo na preservação e expansão do seu legado, ao proceder à edição da obra plotiniana, que o filósofo havia deixado inédita aquando da sua morte. Redigiu também uma biografia de Plotino, bem como *Vidas* de Pitágoras e Platão, os

antepassados espirituais mais estimados de seu mestre. Todavia, Porfírio foi simultaneamente um dos mais relevantes comentadores de Aristóteles, cujo pensamento tentou reconciliar com o de Platão, dando assim o mote para o estilo exegético que os neoplatônicos posteriores continuarão. Os seus comentários (de que subsiste apenas um tratado incompleto em estilo catequético sobre as *Categorias* e uma introdução, ou *isagoge*, à lógica aristotélica), eles próprios muito comentados durante a Antiguidade e Idade Média, influenciaram decisivamente as gerações subseqüentes, tanto no Oriente, através de Jámblico, Proclo e Amônio, como no Ocidente, através de Boécio. Atento aos dilemas civilizacionais do seu tempo, foi um encarniçado defensor do paganismo e um não menos encarniçado crítico do cristianismo, que fustigou no seu *Adversus Christianos*, escrito de que só persistem escassos fragmentos.

PÓRTICO: Assim era vulgarmente conhecida a escola fundada por Zenão de Cítio em Atenas, em virtude de desenvolver o seu ensinamento no “pórtico pintado” (στοὰ ποικιλίη), um dos gigantescos edifícios que demarcava, no caso ao Norte, os limites da antiga ágora ateniense. Teve uma duração muito longa, só vindo a ser extinta em 529 d.C., com todas as outras escolas filosóficas ainda subsistentes, pelo imperador Justiniano.

POSSIDÓNIO DE APAMEIA (c. 135-51 a.C.): Historiador, geógrafo, astrónomo e filósofo grego, originário da Síria, foi o máximo representante, na sua época, do eclectismo estóico. Professor em Rodes e em Roma, teve, naquela cidade, Cícero por aluno. Embora a sua obra não seja fértil em referências, é sobre a sua autoridade que repousa o relato de Ateneu, e porventura o de Estrabão, relativo à perda e à redescoberta do *corpus* aristotélico. Embora tenha deixado reputação de um dos escritores mais prolíferos e polimorfos do seu tempo, nenhuma das suas obras sobrevive completa.

PRISCIANO DE LÍDIA (sécs. V-VI): Contemporâneo de Simplicio, foi uma das últimas figuras da escola neoplatónica, a cujo ramo ateniense pertenceu, nos tempos de Damáscio. Partilhou a sorte destes dois filósofos, quando o imperador Justiniano encerrou todas as escolas filosóficas, em 529, exilando-se no Oriente. Subsistem duas obras menores de sua autoria, uma delas importante, todavia, para o conhecimento do pensamento de Teofrasto, sobretudo em psicologia (*Epítome ao Da Sensação de Teofrasto*).

PROBO (sécs. V ou VI): Arcediago de Antioquia, foi um dos primeiros tradutores e comentadores siríacos de Aristóteles. Comentou e provavelmente traduziu o *Sobre a Interpretação*, sendo-lhe também atribuída a autoria da versão siríaca anónima dos *Primeiros Analíticos* e um comentário aos primeiros capítulos do tratado (até I 7).

PROCLO (410-485): Discípulo de Olimpíodoro, o velho, em Alexandria, e de Plutarco de Atenas, Asclepigénia e Siriano, em Atenas, foi uma das principais figuras da escola neoplatónica desta cidade, de que veio a ser escolarca. Figura cimeira da filosofia no seu tempo, redigiu, entre outras, duas obras extraordinariamente influentes (*Elementos de Teologia* e *Teologia Platónica*), bem como um comentário aos *Elementos de Geometria* de Euclides e diversos comentários a diálogos de Platão (*Alcibíades*, *Crátilo*, *Parménides*, *República* e *Timeu*). Lamentavelmente, os seus comentários aos tratados de Aristóteles não chegaram até aos nossos dias.

PROCLO DE MALO: Filósofo estóico de época indeterminada (supõem-se datas tão afastadas entre si quanto o século I a.C. e o século III d.C.), atribuem-se-lhe duas obras filosóficas, de que uma seria um ensaio contra os epicuristas.

PRÓDIGO DE CÓS (n.º c. 475 a.C.): Célebre orador grego, a sua ligação à sofística está bem atestada, tendo sido discípulo de Protágoras. Enviado pela sua cidade como embaixador a Atenas, aí se fixou definitivamente, tendo aberto uma escola de retórica. Acabou por ser condenado à morte por corrupção da juventude, ao que parece em virtude das suas posições teológicas heterodoxas. Platão toma-o frequentemente como exemplo típico dos sofistas, enquanto que Xenofonte ajudou a preservar a sua obra mais importante, *A Escolha de Hércules*, cujo original se perdeu.

PROTÁGORAS DE ABDERA (c. 490-420 a.C.): Um dos mais célebres membros da sofística grega, parece ter-se celebrizado como professor de dialéctica entre os jovens aristocratas e oligarcas das grandes cidades helénicas. No diálogo homónimo, Platão tipifica nele as características emblemáticas do sofista. Filosoficamente, passou à história como pioneiro do relativismo humanista, de que é expressão o dito famoso “O homem é a medida de todas as coisas”.

PTOLEMEU AL-GARIB: Autor desconhecido e de identificação muito discutida, já na Antiguidade (o epíteto *al garib* significa em árabe “o desconhecido”), poderá ter sido um neoplatónico alexandrino do séc. IV d.C., talvez pertencente à escola de Jámblico, a quem devemos uma biografia e um catálogo das obras de Aristóteles, que nos chegou por via árabe. A biografia, de que subsistem nove epítomes (três gregas, duas siríacas e quatro árabes), serviu de base, na tradição grega, ao ensinamento oral da escola de Amónio e seus continuadores, funcionando como introdução às edições escolares do *Organon*. A tendência da *Vida* de Ptolemeu é claramente apologética ou mesmo hagiográfica, muito ao gosto neoplatónico.

PÚBLIO INÁCIO CELER (séc. I): Filósofo estóico do tempo de Nero, com quem colaborou, veio a ser condenado à morte pelo imperador Vespasiano, pela sua participação infame no julgamento de um senador injustamente acusado de traição por aquele.

Q

QUERÉMON DE ALEXANDRIA (séc. I): Historiador, gramático e filósofo estóico, foi um dos professores de Nero.

QUÍLON DE ESPARTA (séc. VI a.C.): Poeta e estadista espartano, foi um dos Sete Sábios da Grécia, de acordo com a maior parte das listagens antigas. Conservam-se muitos dos seus apotegmas.

QUINTILIANO (c. 35-97): Escritor e orador romano de origem espanhola, alcançou notoriedade como advogado e como professor de eloquência, tendo sido o primeiro, de que há conhecimento, a ser avençado pelo Estado para exercer esta função, sob o imperador Vespasiano. É sobretudo pela sua notável obra como teórico da retórica, consubstanciada nos doze volumes do *De institutione oratoria*, que garantiu a perenidade da sua reputação. Em passagens desta obra, encontram-se ecos relativos à fixação da língua filosófica grega, nomeadamente aristotélica, na literatura latina.

QUINTO LUCÍLIO BALBO (sécs. II-I a.C.): Natural de Cádiz, foi um político e filósofo eclético sob o estoicismo médio, na tradição de Panécio. Cícero representa-o como interlocutor destacado em dois dos seus diálogos, o *De natura deorum* e o *Hortensius* (este perdido).

QUINTO SEXTO (séc. I a.C.): Conhecido como “o velho”, foi um filósofo eclético romano, que, a acreditar no testemunho de Séneca, que muito o prezava, ensinava uma doutrina onde se conjugavam aspectos do estoicismo e do pitagorismo.

S

SALÚSTIO (séc. IV): Filósofo neoplatónico da escola de Jâmblico, foi amigo e colaborador do imperador Juliano, o apóstota, cujo retorno ao paganismo procurou defender filosoficamente no tratado *Sobre os Deuses e o Universo*, que ainda subsiste.

SALÚSTIO DE ÉMESA (séc. V): Filósofo cínico tardio, foi um dos últimos representantes da escola. Distinguiu-se, como os antigos mestres, pela veemência com que fustigava os seus contemporâneos e ridicularizava as escolas filosóficas do seu tempo, em particular a neoplatónica, em que parece ter primeiro militado.

SEGUNDO, O SILENCIOSO (séc. II): Filósofo cínico (ou neopitagórico, os relatos divergem), distinguiu-se por ter feito voto de silêncio. Conhece-se-lhe uma obra em estilo catequético, onde responde a vinte questões sobre diversas matérias de índole filosófica (o que são os deuses, o que é o universo, etc.).

SÉNECA (4 a.C. - 65 d.C.): Lúcio Aneu Séneca (dito também Séneca, o Jovem, para o distinguir do pai) nasceu em Córdova, cidade da Espanha romana, filho do professor de retórica Marco Aneu Séneca (c. 55 a.C. - 39 d.C.). Mestre do futuro imperador Nero, que o viria a obrigar ao suicídio, distinguiu-se como filósofo de obediência estoica e como escritor de temas científicos e morais, de que são testemunho, respectivamente, as *Questões Naturais* e as *Cartas a Lucílio*, além dos numerosos diálogos e tratados sobre tópicos éticos particulares, como a ira, a clemência, etc. Também ele contribuiu para a passagem do grego filosófico, com incidência no de Aristóteles, ao latim.

SÉRGIO DE RESAINA (m^o 536): Autor de dois comentários siríacos das *Categorias* de Aristóteles, mas não, ao que parece, da tradução anónima, dirigiu o primeiro, em sete livros, a Teodoro, bispo de Merv. O segundo, que permanece inédito e poderá ser um resumo daquele, é dedicado a um certo Filóteo.

SETE SÁBIOS: Conjunto lendário de individualidades gregas do final da época arcaica. Embora a tradição fale em sete dessas individualidades, o certo é que os elencos subsistentes não conferem, pelo que o número total de nomes mencionados é muito superior a esse. Há apenas quatro figuras que surgem em todas as enumerações: Bias de Priene, Pítaco de Mitilene, Sólon de Atenas e Tales de Mileto. De resto, os

testemunhos reúnem nomes como Epiménides de Creta, Ferecides de Ciro, Pitágoras de Samos, Pisístrato de Atenas, Periandro de Corinto, Anacársis de Cítia, Méson de Cene, Acusilau de Argos, Leófanos de Éfeso, Epicarmo de Cós, Aristodemo de Messénia, Cleobulo de Lindo, Quílon de Esparta, Laso de Hermíone, ou mesmo Anaxágoras de Clazómenas. Pelos apotegmas que lhes são atribuídos, percebe-se a comunidade de espírito e de estilo que os percorre: uma mesma preocupação ética dominante; uma comum adesão aos princípios da moderação e da medida, em oposição declarada à moral aristocrática e marcial da tradição homérica; o idêntico privilegiar de uma forma sentenciosa e oracular, resumida em máximas curtas e imperativas. O aspecto porventura mais curioso desta tradição é a lenda do presente consagratório, que Diógenes Laércio regista mais ou menos assim: “A famosa história acerca do trípode descoberto por pescadores e enviado pelo povo de Mileto a todos os sábios é a seguinte. Diz-se que, tendo certos jovens jónicos comprado a pescadores milésios o seu lote de pesca, estalou uma discussão acerca de um trípode que vinha com esse lote. Os milésios endereçaram então a questão a Delfos e o deus determinou assim: ‘Filhos de Mileto, que interrogais Febo a propósito de trípode: o que for primeiro em sabedoria, a esse o trípode destino’. Deram-no então a Tales; e este deu-o a outro, que o passou ainda a outro e assim sucessivamente, até chegar às mãos de Sólon. Sólon disse que o primeiro em sabedoria era o deus – e mandou-o de novo para Delfos.” (I, 27-28) Caso a lenda seja antiga, o que é duvidoso, tratar-se-ia de uma espantosa antecipação da doutrina socrático-platónica segundo a qual a maior sabedoria consiste em reconhecer que nada se sabe: e essa seria a sabedoria dos Sete Sábios.

SEVERO SEBOKHT (m^o 666/7): Bispo de Qennesrin, parece ter traduzido para síriaco o comentário de Paulo o Persa ao *Sobre a Interpretação* de Aristóteles, sendo-lhe também atribuído um tratado inédito sobre os silogismos nos *Primeiros Analíticos*. Tem sido aventada a hipótese de o original síriaco dos epítomes subsistentes da *Vida* de Ptolemeu ser da sua autoria.

SEXTO DE QUERONEIA (séc. II): Filósofo estóico, neto (ou sobrinho) de Plutarco, foi mestre de Marco Aurélio, que se lhe refere elogiosamente nos seus *Pensamentos*.

SEXTO EMPÍRICO (c.160-210): Médico e filósofo céptico, dedicou-se à exposição das doutrinas da escola, nas *Hipotiposes Pirrónicas*, e à refutação das correntes dogmáticas, em *Contra os Matemáticos* (na realidade, este livro inclui dois: o *Contra os Dogmáticos*, com dois livros “contra os lógicos”, dois livros “contra os físicos” e um livro “contra os éticos”, e o *Adversus Mathematicos* propriamente dito, que procura refutar as pretensões de cientistas de diferentes áreas). Esta última obra contém abundante material doxográfico sobre os filósofos antigos.

SÍMIAS DE SIRACUSA (séc. III a.C.): Filósofo megárico, foi discípulo de Estílpon, com cuja filha se casou.

SÍMIAS DE TEBAS (séc. V a.C.): Filósofo pitagórico, mas, segundo Platão e Xenofonte, muito próximo de Sócrates, cujo ensinamento seguiu, juntamente com o seu conterrâneo Cebes, no final da vida do pensador. Diógenes Laércio atribui-lhe a redacção de mais de vinte diálogos, mas nenhum subsistiu.

SIMPLÍCIO (c. 490-560): Discípulo de Amónio, em Alexandria, e depois de Damásio, em Atenas, aí se estabeleceu até ao encerramento da escola. Acompanhou este último no exílio para a Pérsia, de onde regressou passado alguns anos, tendo-se dedicado então ao comentário da obra de Aristóteles. A análise à *Física* constitui um dos seus contributos mais relevantes, tanto do ponto de vista filosófico, como do ponto de vista historiográfico, em virtude das extensas citações que faz de autores mais antigos. Apesar da sua ligação à escola ateniense, o seu pensamento permanece sobretudo vinculado ao ensinamento neoplatónico de Alexandria.

SIRIANO DE ALEXANDRIA (c. 375-437): Membro influente da escola neoplatónica de Atenas, veio a suceder na sua direcção a Plutarco, de quem havia sido discípulo. Comentou diversas obras de Platão e de Aristóteles, trabalho de que só subsistem hoje umas lições sobre o *Fedro* e os comentários aos livros B, Γ, M e N da *Metafísica*. O seu testemunho é especialmente importante no reconhecimento de algumas idiosincrasias da abordagem neoplatónica de Aristóteles. Foi mestre de Proclo, que por seu vez lhe sucedeu como escolarca da Academia.

SIRO (séc. I a.C.): Filósofo epicurista, contemporâneo de Lucrecio, distinguiu-se como professor, em Nápoles, do grande poeta romano Virgílio.

SÓCION DE ALEXANDRIA (séc. II a.C.): Doxógrafo grego da escola peripatética, notabilizou-se pela invenção do método das sucessões, que consistia em distribuir os vultos da história da filosofia precedente por duas grandes famílias de pensamento, uma de radicação jónica, mais virada para o estudos dos fenómenos naturais, e outra de vinculação itálica (ou pitagórica), inclinada sobretudo para as questões de índole teológica, antropológica e ética. A influência deste método foi enorme, encontrando-se, por exemplo, em Diógenes Laércio.

SÓCION DE ALEXANDRIA (séc. I): Filósofo neopitagórico do tempo de Tibério, pertenceu à escola eclética de Quinto Sexto, que incorporava elementos de origem estoica. Foi mestre de Séneca, a quem passou a influência pitagórica.

SÓCRATES (470-399 a.C.): A personalidade real de Sócrates, a substância da sua doutrinação (se efectivamente a tinha) e a metodologia do seu ensino são ainda hoje motivo de interrogação. Com efeito, não tendo ele escrito nada e sendo muito desconstruídos os testemunhos directos e mais antigos que sobre ele existem, a saber, os do próprio Platão, ao longo de toda a sua obra, os de outro dos seus discípulos, Xenofonte, em algumas das obras onde o faz figurar como personagem central (os *Diálogos Memoráveis de Sócrates*, a *Apologia*, o *Banquete* e os *Económicos*), e a sátira em que o comediógrafo Aristófanes o retrata, as *Nuvens*, todas as conjecturas sobre ele se tornam possíveis. É a esta situação que, em termos histórico-filosóficos, alude a polémica tradicional acerca do “Sócrates histórico” e do “Sócrates de Platão”, a qual procura determinar a veracidade da imagem que Platão transmite do seu mestre, ou, de outro modo, a autêntica figura de Sócrates para além da sua representação platónica. Três elementos são ainda assim passíveis de ser assinalados com segurança ao Sócrates real: em primeiro lugar, ensinava pelo diálogo e não por exposição directa, alegando aliás nada saber e, portanto, nada propriamente ensinar pelo seu interrogatório, mas apenas despertar através dele a verdade adormecida na alma dos seus interlocutores; depois, o seu magistério era exercido em qualquer lugar, dentro ou fora dos muros da cidade, e dirigia-se a qualquer pessoa, fosse qual fosse a sua idade ou a sua condição; e, finalmente, grangeou com o seu ensino um enorme prestígio entre a juventude, ao mesmo tempo que reunia em seu torno um pertinaz conjunto de ódios por parte daqueles que ridicularizava com a sua interrogação persistente e a sua argumentação impiedosa. A todos estes dados, é preciso acrescentar, contudo, uma outra evidência, não menos certa nem menos relevante: a de ter causado em Platão uma impressão tão funda e duradoura que este fez dele a verdadeira imagem do filósofo, incluindo-o como figura central e magistral em quase todas as suas obras e pondo na sua boca a exposição das suas próprias doutrinas, à imagem do que sucederá com quase todas as escolas filosóficas posteriores, que frequentemente se reclamaram seu do magistério (é esse, evidentemente, o caso das escolas socráticas “menores”, a par da de Élis e da da Eritreia, mas é também o caso do estoicismo e do ceticismo pirrónico), ou de qualquer modo nele foram beber (como sucede com a escola aristotélica, através da platónica, e da epicurista, através da cirenaica). Se de resto era, como queria Aristófanes, um vulgar charlatão, ou, como involuntariamente o pinta Xenofonte, um doutrinador algo presunçoso e perigosamente parecido com os sofistas, ensinando publicamente as suas próprias teorias, ou se, finalmente, era, como o pensou Platão, um exigente pedagogo, determinado eternamente na pesquisa dialógica da verdade e ironicamente apostado, como um “moscardo”, na incómoda perseguição

questionante dos que julgam saber, não sabendo, e, portanto, o absoluto reverso dos sofistas (ou melhor, o absoluto reverso do modo como ele próprio via os sofistas), é o que provavelmente nunca se poderá decidir com segurança. O que é facto é que o ódio que progressivamente reuniu o levou à barra do tribunal, acusado de não respeitar os deuses da cidade, de inventar novas divindades e de corromper a juventude, e que os quinhentos cidadãos que o compunham o condenaram por maioria à morte.

SOFISTAS: Não constituem uma escola filosófica, nem um movimento cultural, mas um projecto pedagógico que se generalizou progressivamente ao longo do século V a.C., focalizando-se, a partir de certo momento, em Atenas. Distinguem-no uma prática e um pressuposto comuns. Essa prática é a da venda de serviços educativos aos jovens gregos bem-nascidos; e o pressuposto é o de que a virtude política, essencial ao cidadão e ao magistrado, é ensinável e é-o através do seu instrumento privilegiado, a retórica. Platão conotou este projecto de uma tonalidade pejorativa, de que a sofística só se libertou recentemente, graças a um trabalho de reavaliação efectuada pela investigação contemporânea.

SOFONIAS (sécs. XIII-XIV): Comentador aristotélico da tradição bizantina tardia, foi-lhe atribuída a autoria de uma paráfrase ao *Sobre a Alma*, bem como um estudo sobre os *Parva Naturalia*, que hoje se sabe ser de Temístio.

SÓLON (c. 638-558 a.C.): O mais conhecido legislador de Atenas, a quem se ficou a dever a constituição desta cidade e a reforma política, económica, jurídica e moral do Estado no final do séc. VII a.C., foi também um importante pensador e um grande poeta elegíaco. Tal como os de Bias, Pítaco e Tales, o seu nome é um dos únicos que está presente em todas as listagens dos míticos Sete Sábios da Grécia, subsistindo ainda algumas máximas suas no conjunto de ditos atribuídos a estes sábios.

SÓPATRO DE APAMEIA (séc. IV): Filósofo neoplatónico, foi discípulo de Jâmblico. Atribuem-se-lhe diversas obras, que não sobreviveram. Foi condenado à morte por Constantino, o grande, por volta de 337 d.C.

SOSÍGENES (séc. II): Mestre menos conhecido de Alexandre de Afrodísias na escola peripatética, é citado e discutido longamente no comentário de Dexipo às *Categorias* de Aristóteles.

SOSÍPATRA DE ÉFESO (séc. IV): Filósofa neoplatónica, adquiriu grande renome como professora, especialmente em Pérgamo, onde fundou uma escola após a morte do marido, o também filósofo Eustácio de Capadócia. Foi mãe do filósofo neoplatónico Antonino.

SUDA (séc. X): A maior, mais importante e mais influente enciclopédia tardia do pensamento antigo, composta na alta idade média por um lexicógrafo desconhecido de língua grega. As suas entradas são transcritas directamente de autores precedentes, o que só acresce o seu valor documental.

T

TALES DE MILETO (n.º c. 624 a.C.): Tradicionalmente, o primeiro filósofo e, simultaneamente, um dos Sete Sábios da Grécia. A par de outras actividades de índole mais prática, parece ter-se dedicado à matemática, à astronomia e à cosmologia, domínio em que introduziu um género típico de investigação, determinado pela identificação do primeiro princípio e pela descrição da constituição do universo, modelo que veio a ser prosseguido pelos seus imediatos continuadores.

TEÁGENES DE PATRAS (séc. II): Filósofo cínico, foi amigo e companheiro de Peregrino Proteu, em cuja imolação voluntária colaborou, de acordo com o que relata Luciano, na sua obra sobre *A Morte de Peregrino*.

TEANO (séc. VI a.C.): Filósofa pitagórica, a tradição quer que tivesse sido mulher de Pitágoras, embora idêntica história se conte em relação a Brontino (de quem, noutra versão, poderia ser filha). Daquele consórcio teriam resultado quatro filhos: Arignote, Damo, Miía e Telauges, o único varão. São-lhe atribuídos numerosos escritos, de que só subsistem raros fragmentos, todos espúrios.

TELAUGES (sécs. VI-V a.C.): Filósofo pitagórico, era na Antiguidade considerado filho de Pitágoras e Teano. Praticamente nada se sabe da sua actividade, mas a tradição dá-o como tendo sido mestre de Empédocles.

TÉLECLES DE FÓCIDE (sécs. III-II a.C.): Membro da Academia Média, de que foi escolarca, em conjunto com Evandro, no final da vida de Lacides e após a morte deste. Apesar de ter assegurado a direcção da escola durante um largo período, nada se sabe sobre os seus escritos e o seu pensamento.

TELES DE MÉGARA (séc. III a.C.): Filósofo cínico, celebrou-se pelas suas diatribes, as primeiras conhecidas desta escola, de que subsistem alguns fragmentos nas páginas de Estobeu.

TEMISTA DE LÂMPSACO (séc. III a.C.): Filósofa epicurista, foi mulher de Leonteu, com quem frequentou o ensino de Epicuro em Atenas. Nada se sabe sobre o seu pensamento.

TEMÍSTIO (c. 317-388): Escritor e orador grego, oriundo da Paflagónia, na Ásia Menor, trabalhou como professor em Constantinopla. Subsistem diversos dos seus discursos, com bastas e importantes referências à vida e à obra do Estagirita. Foi, além disso, o último representante do comentário aristotélico fora da influência neoplatónica, como o comprovam os trabalhos conservados sobre os *Segundos Analíticos*, a *Física*, o *Sobre o Céu* e o *Sobre a Alma*.

TEODORO DE CIRENE, O ATEU (séc. IV-III a.C.): Filósofo cirenaico da última geração, diz-se ter sido discípulo de Aristipo, o jovem, ou de Aniceride de Cirene, com quem partilha a tendência para uma suavização das doutrinas éticas do fundador.

TEOFRASTO DE ERESO (372-287 a.C.): Filósofo peripatético, foi o mais antigo e fiel discípulo de Aristóteles, bem como seu herdeiro à frente do Liceu, cuja direcção assegurou até à morte. Apesar de as suas numerosas obras, de que só um pequeno número se conserva, versarem uma grande variedade de problemas, distinguiu-se sobretudo nas áreas da lógica modal, da botânica, da psicologia animal e da caracteriologia humana, com larga influência não apenas sobre a psicologia e a ética, mas também sobre a comédia (não por acaso, Menandro, o fundador da nova comédia, parece ter sido seu discípulo). Entre as obras subsistentes, contam-se dois tratados de botânica, um de mineralogia, um de filosofia primeira, alguns pequenos tratados de história natural e a influente obra *Caracteres*. No domínio da historiografia, expandiu e sistematizou a metodologia aristotélica de análise dos precursores, fundando a doxografia, com a sua vasta obra intitulada *Opiniões dos Físicos* (de que só subsistem, quase integralmente, o primeiro e o último livros). É possível que alguns dos espúrios mais antigos incluídos na colecção aristotélica sejam do seu punho, ou do dos seus discípulos. Por outro lado, o testemunho preservado por Diógenes Laércio tem alguma importância para o estabelecimento de alguns aspectos mais obscuros da biografia de Aristóteles.

TÉON DE ESMIRNA (c. 70-135): Matemático e filósofo neopitagórico, escreveu diversos comentários a autores precedentes, designadamente Platão, sobre quem subsiste um livro. Distinguiu-se também como astrónomo, pensando-se que possa ter sido professor de Ptolemeu.

TEOPOMPO DE QUIÓ (c. 378-300 a.C.): Historiador grego, discípulo de Isócrates, escreveu uma *História da Grécia*, em 12 livros, e as *Filípicas*, em 58, de que subsistem fragmentos com certa importância documental.

TIAGO DE EDESSA (m^o 708): Bispo de Edessa, é creditado com a autoria do primeiro tratado sistemático de gramática siríaca. Num manuscrito, surge também como autor de uma versão siríaca das *Categorias*.⁷ É possível que tenha redigido a tradução siríaca da *Vida* de Ptolemeu, hoje subsistente em dois epítomes.

⁷ Por esta razão, a sua identidade com Tiago, o Eremita (Yaquub al-Zahid), a quem é igualmente atribuída uma tradução das *Categorias*, tem sido defendida.

TIMEU DE LÓCRIDE (séc. V a.C.): A ser uma personagem real (pode ter sido também uma criação de Platão no *Timeu* e no *Crítias*), tratar-se-ia de um filósofo pitagórico do tempo de Sócrates.

TIMEU DE TAUROMÉNIO (c. 345-250 a.C.): Historiador grego, de origem siciliana. Exilado após a morte do pai, tirano de Tauroménio, foi para Atenas, onde passou a maior parte da vida. Aí, redigiu uma *História da Sicília*, em 38 (ou 33) volumes, de que se conservam alguns fragmentos. Esta, muito criticada pelos antigos pela sua parcialidade e falta de rigor, teve, no entanto, alguns defensores, nomeadamente Cícero. Constitui um dos elos antigos da transmissão da tradição hostil a Aristóteles, em particular de origem isocrática e epicurista.

TÍMICA DE ESPARTA (séc. IV a.C.): Mulher de Mílias de Crotona, representa, ao lado do marido, o típico papel de heroína pitagórica, ao ter desafiado destemidamente o tirano de Siracusa, Dionísio I, para não ter de atraiçoar os seus princípios.

TIMÓCRATES DE LÂMP SACO (sécs. IV-III a.C.): Um dos primeiros membros da escola epicurista, era irmão mais velho de Metrodoro, o mais antigo e inflamado sequaz de Epicuro. Afastou-se posteriormente da escola, em ruptura com a ética hedonista, desenvolvendo então encarniçadas polémicas com Metrodoro e com o próprio Epicuro.

TÍMON DE FLIUNTE (c. 325-253 a.C.): Poeta satírico e filósofo céptico grego, foi aluno, em Atenas, de Estílpon de Mégara e de Pírron de Élis, cujas doutrinas divulgou. Escreveu diversas obras, de que as mais célebres são os *Σύλλοι*, poemas em versos hexâmetros em que caricatura e vergasta os filósofos dogmáticos seus predecessores ou contemporâneos.

TIRÂNIO DE AMISO (séc. I a.C.): Notável gramático romano, foi mestre de Andronico de Rodes e de Boécio de Sídon. A crer na lenda, foi aos seus cuidados que Sila entregou os rolos com a colecção aristotélica redescoberta por Apelicone, tendo sido decerto no círculo em que pontificava que se constituiu a primeira edição antiga da obra de Aristóteles.

TITO ALBÚCIO (sécs. II-I a.C.): Orador e estadista do final da República Romana, foi também um filósofo epicurista, escola de pensamento com que havia contactado em Atenas, durante os anos de

formação. Caído politicamente em desgraça no final da vida, regressou a Atenas, onde se dedicou ao ensino da filosofia.

TITO ÁTICO (c. 110-33 a.C.): Editor e messenas romano (de nome completo Tito Cecílio Pompónio Ático), embora de simpatia epicurista, foi um grande e constante amigo de Cícero, que lhe dedica apropriadamente o tratado *De amicitia*. A correspondência entre ambos, sob o título *Epistulae ad Atticum*, foi preservada pelo secretário do orador, Marco Túlio Tiro. Tendo chegado a muita idade, e atingido por uma doença incurável, decidiu cometer suicídio por inanição.⁸

TRÁSEA PETO (c. 10-66): Públio Clódio Trásea Peto foi um senador romano e um filósofo estóico do tempo de Nero, cuja conduta pública condenou, em virtude do que veio a ser condenado à morte.

TRASILO DE MENDES (séc. I): Gramático e académico romano do tempo de Tibério, dedicou-se à catalogação da obra de grandes filósofos da Antiguidade, designadamente Demócrito e Platão. Foi o responsável pela mais influente ordenação da colecção platónica, sob nove tetralogias. É possível que seja a mesma pessoa que o astrólogo do imperador Tibério, de nome Tibério Cláudio Trasilo, a que se referiram Tácito e Suetónio.

TRASÍMACO DE CORINTO (séc. IV a.C.): Filósofo megárico, terá sido discípulo de Euclides e mestre de Estílpon.

⁸ Mas recorde-se que o mesmo método pouco simpático de suicídio é atribuído a Dionísio de Heracleia (sécs. IV-III a.C.) e a Demónax de Chipre (sécs. I-II d.C.).

U

USAIBIA (m° 1268): Ibn Abi Usaibia, médico e escritor, redigiu o *Livro de Fontes de Informação sobre as Escolas Médicas*. Esta obra compreende a mais recente versão árabe da *Vita Aristotelis* de Ptolemeu, incluindo o testamento e o catálogo das obras.

V

VARRÃO (116-27 a.C.): Marco Terêncio Varão foi um escritor e erudito romano da IV Academia, que estudou em Atenas com Antíoco de Ascalão. Distinguiu-se sobretudo pelo seu trabalho de estabelecimento da cronologia da história romana, cujos resultados foram inscritos no arco de Augusto, em Roma, subsistindo parcialmente.

X

XENARCO DE SELEUCIA (séc. I a.C.): Gramático e filósofo peripatético dos tempos de Augusto, ensinou sucessivamente em Alexandria, Atenas e Roma. Apesar da sua pertença à escola aristotélica, não deixou de expressar publicamente a sua discordância em relação a diversos aspectos do pensamento do mestre, sobretudo em matérias físicas. As suas opiniões foram preservadas por alguns comentadores posteriores, designadamente Alexandre de Afrodísias e Simplício.

XENÓCRATES DE CALCEDÓNIA (c. 395-314 a.C.): Filósofo grego, foi, com Espeusipo, Heraclides e Aristóteles, um dos mais importantes discípulos de Platão, que, aliás, acompanhou na terceira deslocação a Siracusa. Com a morte de Platão e a ascensão de Espeusipo à direcção da escola, abandonou a Academia. Todavia, alguns anos mais tarde, regressou a Atenas, por instâncias de Espeusipo. Após a morte deste, veio a suceder-lhe no cargo, por eleição dos pares, que parecem ter preterido Heraclides por curta margem. Prolongou o pendor pitagorizante e matematizante que havia sido impresso por Espeusipo ao platonismo, o que o tornou um dos principais alvos da crítica de Aristóteles, designadamente quando este se encontrava à frente do Liceu e ambos asseguravam contemporaneamente a liderança das duas mais importantes escolas filosóficas de Atenas.

XENÓFANES DE CÓLOFON (c. 570-475 a.C.): Filósofo jónico, notabilizou-se pela sua crítica contundente ao antropomorfismo da religião grega convencional, em termos muito próximos aos usados pelo seu contemporâneo Heraclito, evoluindo neste caso para o que parece ser uma sensibilidade henoteísta. O seu monismo incipiente levou os doxógrafos antigos a imputar-lhe a fundação da escola eleática, o que não tem qualquer sustentação histórica.

XENÓFILO DE CÁLCIS (séc. IV a.C.): Músico e filósofo pitagórico, de uma longevidade lendária, foi mestre de Aristóxeno de Tarento. Considera-se um dos últimos representantes do pitagorismo antigo e o único da escola a ter vivido em Atenas.

XENOFONTE (c. 430-354 a.C.): Grande general e notável escritor ateniense, foi discípulo de Sócrates, a cuja figura e ensinamento dedicou um conjunto de obras, designadamente *Os Memoráveis*, a *Apologia*, o *Banquete* e o *Económico*, nas quais repousa parte do nosso conhecimento, conjectural, daquele filósofo.

Y

YAHYA IBN ADI (séc. X): Escritor cristão e discípulo de Abu Bisr Matta, elaborou a partir da tradução siríaca de Ishaq Ibn Hunayn a versão árabe de referência dos *Tópicos* de Aristóteles, que simultaneamente comentou extensamente. É possível que tenha vertido também para árabe, a partir do siríaco, alguns outros tratados de lógica, bem como parte, ou mesmo a totalidade, da *Metafísica*.

Z

ZENÃO DE CÍTIO (334-261 a.C.): Filósofo cipriota de origem fenícia, deixou a sua cidade natal para vir para Atenas cerca de 315. Aí, terá frequentado as lições de Estílpon de Mégara e assistido às lições de Pólemon na Academia, até que um mais profundo e duradouro discipulado o ligou ao filósofo cínico Crates de Tebas. No final do século, fundou uma escola própria no Pórtico Pintado (στοὰ ποικιλίη), de onde deriva a designação da corrente que animou – o estoicismo. A sua vasta obra perdeu-se por completo, salvo alguns poucos fragmentos conhecidos através da tradição doxográfica.

ZENÃO DE ELEIA (nº *c.* 490 a.C.): Filósofo grego, de origem italiana, foi o mais fiel discípulo e o mais vigoroso continuador de Parménides, cujo pensamento defendeu, por redução ao absurdo da posição oposta, propondo quarenta engenhosos paradoxos, que só parcialmente subsistem, tendentes a impugnar a crença na realidade da pluralidade, do movimento, do espaço e do tempo.

ZENÃO DE SÍDON (*c.* 150-75 a.C.): Filósofo epicurista, foi mestre de Filodemo. Para além da ética (de que subsistem elementos recolhidos por Filodemo na Vila dos Papiros, em Herculano), cultivou também a filosofia da matemática, que pretendeu interpretar de um ponto de vista empirista, de acordo com a matriz da escola. Cícero refere tê-lo escutado em Atenas.

ZENÃO DE TARSO (sécs. III-II a.C.): Filósofo estóico, foi o quarto escolarca conhecido do Pórtico. Discípulo de Crísipo, a quem veio a suceder, não se distinguiu, ao contrário deste, pela dimensão da sua obra, que Diógenes Laércio considerava reduzida. Por isso, pouco se sabe do seu pensamento, embora se admita que, a par de algumas heresias (nomeadamente a rejeição da doutrina da conflagração periódica do universo), se tenha mantido dentro do paradigma oficial da escola.